

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Junho/88

C R I S T O

N O S S A

J U S T I Ç A



Os delegados à Sessão da Conferência Geral de 1888, em frente da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Minneapolis, em Lake Street

CRISTO, NOSSA ÚNICA ESPERANÇA

WILLIAM G. JOHNSON

A mensagem de Minneapolis é facilmente esquecida ou mal interpretada. Todavia, precisamos dela hoje.

Olham directamente para nós, esses homens de casacos escuros e chapéus de feltro. A maioria usa barba; alguns estão em posição napoleónica, com as mãos sobre o peito. Vêm-se alguma mulheres — uma delas olha através da janela e também há crianças.

Quem são? Que é que aconteceu, *realmente*, naquela pequena igreja de madeira, em Minneapolis, há cem anos? E por que razão aquela sessão da Conferência Geral, de 1888, com apenas 90 delegados de uma Igreja Adventista mundial de 30 000 membros haveria de constituir um marco na história do nosso movimento?

De facto, Ellen White, que nessa conferência desempenhou uma acção notável, descreveu-a mais tarde como «um dos mais tristes capítulos na história dos crentes na verdade presente.»¹ Será, então, que quanto menos se falar so-

bre Minneapolis, melhor?

Não. Em Minneapolis, Deus enviou uma mensagem ao Seu povo. Infelizmente, devido a rivalidades, invejas e suspeitas pessoais, a maioria dos delegados rejeitou-a. Mas era a mensagem de Deus.

É ainda a mensagem de Deus. São as boas novas de Cristo, nossa única esperança — Cristo, nossa Justiça. Rejeitá-la ou negligenciá-la hoje implica um risco eterno.

Em Setembro de 1889, Ellen White observava que «não existe um em cem» que compreenda realmente o que significa ser justificado pela fé, que «Cristo deve ser... a única esperança e salvação.»²

Estou convencido de que muitos Adventistas continuam a não conhecer a Cristo como sua única esperança e sua única justiça. Alguns nunca O conheceram. Outros conheceram-n'O, mas perderam esse conhecimento salvador. Embora membros de igreja e em boa comunhão com ela — talvez dirigentes da igreja, talvez pastores — são como os delegados de Minneapolis em 1888.

As boas novas de Deus são para todos nós — para vós e para mim — são totalmente diferentes de

qualquer transacção humana. São incríveis, cortam-nos a respiração; são surpreendentes, inacreditáveis — a não ser pelo poder do Espírito Santo! É por isso que são tão facilmente perdidas, esquecidas, deturpadas ou mal interpretadas.

Eis a razão deste número especial da *Advent Review* e, consequentemente, da *Revista Adventista*. Não se trata de reconstituir a sessão de 1888, nem de decifrar quem disse ou quem fez isto ou aquilo, ou resolver questões sobre as quais os Adventistas discutiram durante os anos que se seguiram e sobre que alguns ainda discutem. Concentrar-nos-emos antes no que é mais importante — a *mensagem* que Deus quis que a igreja ouvisse em 1888 e que continua a desejar que ela ouça.

Eis essa mensagem em quatro simples degraus:

1. *Nossa desesperada necessidade*. Todos nós — não importa quão bons ou repetíveis possamos pensar que somos, não importa quanto damos para a igreja ou trabalhamos para o Senhor — todos nós estamos destituídos de justiça. Somos egoístas, egocêntricos; somos torcidos em motivações e

pervertidos em perspectiva. «Toda a nossa justiça é como trapo da imundícia» (Isa. 64:6).

2. *Não nos podemos ajudar a nós próprios.* Esta é a parte mais difícil de aceitar. Assumir que temos um problema é uma coisa; concordar que não somos capazes de o resolver é outra, completamente diferente. Os que guardam a lei têm uma dificuldade especial exactamente aqui. Mas, diz Paulo, «nenhuma carne será justificada diante d'Ele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado» (Rom. 3:20).

3. *Deus faz por nós o que não podemos fazer por nós mesmos.* De graça. Incondicionalmente. Graciosamente.

«Mas agora se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas, isto é a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença; porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente, pela Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus» (Rom. 3:21-24).

Em Jesus Cristo, Deus toma o nosso lugar. Toma a nossa condição de perdidos, a nossa rebelião, os nossos egos doentes sobre o Seu Eu perfeito. E atribui-nos a Sua justiça perfeita. A cruz faz de pecadores quebrantados seres completos.

4. *A graça de Deus transforma todo o nosso ser.*

Tão maravilhosa como é a Sua cura, Deus não no-la impõe. O Espírito Santo solicita-nos com as boas novas de Deus, com o dom da Sua justificação gratuita — mas somos nós quem decide. Podemos dizer sim ou não.

Dizer sim ao dom de Deus traz cura, completude, perdão, liberdade. Passamos da morte para a vida; renascemos. E dizer sim a essa graça, dia a dia, transforma-nos, torna-nos semelhantes ao Senhor que nos salvou e que agora reina nas nossas vidas.

«Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício

vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus» (Rom. 12:1, 2). «Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus» (Apoc. 14:12).

Ora, eu observo dois mal-entendidos acerca desta mensagem da justiça de Cristo.

O primeiro é que podemos ou precisamos de *acrescentar* algo aos méritos de Cristo. Este mal-entendido, ou esta interpretação errónea, está no centro da reacção à mensagem, em 1888.

Em 11 de Junho de 1889, saiu na *Review and Herald* um editorial escrito por Uriah Smith e intitulado: «Nossa Justiça». «Todo o objectivo da obra de Cristo em nosso favor é trazer-nos de volta à lei», dizia ele, «para que a Sua justiça possa ser cumprida em nós pela nossa obediência para com ela e para que quando afinal nos encontrarmos diante da lei, que é o teste do julgamento, nós possamos aparecer como absolutamente de harmonia com ela.... Há, pois, uma justiça que devemos ter para estarmos em segurança por cumprir e ensinar os mandamentos.»

Imediatamente, ele recebeu uma carta em termos algo severos! Em 14 de Junho, Ellen White escreveu-lhe: «Esta manhã li o seu artigo na *Review*. Uma nobre personagem estava de pé junto de mim e disse: '[Uriah Smith] está caminhando como um cego para a cilada armada pelo inimigo, mas não sente qualquer perigo, porque a luz está-se tornando em trevas e as trevas em luz.'»³

E ela incitava: «O homem deve ser vestido com a justiça de Cristo. Então, ele pode, através da justiça de Cristo, permanecer de pé absolvido diante de Deus.... Eis a nossa força, Cristo, Justiça nossa. Não será isto suficiente para nós?»⁴.

Não, não é. Os nossos egos, distorcidos pelo pecado, querem ter *alguma* parte, *algum* mérito, *algum* crédito. Eis porque as boas novas são tão facilmente perdidas ou corrompidas.

O segundo mal-entendido é pensar que o Evangelho nos deixa tal qual nos encontrou.

É verdade que as nossas boas obras não acrescentam um jota à justiça de Cristo, mas é falso que as nossas boas obras sejam irrelevantes no cristianismo. Os Adventistas em Minneapolis cometeram este segundo erro.

Jesus — Aquele que nos traz a justificação pela Sua vida e morte — desmentiu este segundo ensinamento através da parábola do servo incompassivo (Mat. 18:21-35). Eis alguém a quem foi perdoada uma enorme dívida — o equivalente a vários milhões de escudos na moeda de hoje. Mas quando um companheiro seu, servo como ele, lhe suplica que lhe conceda mais tempo para ele lhe pagar os míseros escudos que lhe deve, lança-o na prisão. Quando o rei ouve contar o que se passou, ordena a prisão do primeiro servo — aquele a quem tanto fora perdoado, mas incapaz, ele mesmo, de perdoar.

Esta é uma parábola sobre o reino dos Céus, e o servo incompassivo demonstrou que não pertencia aquele espaço. Ele anulava a obra da graça na sua vida.

A negação do mérito humano e a negação das boas obras que mostram o fruto do Evangelho — a vereda da justiça de Deus fica no meio. Temos de encontrar esse ca-

Revista Adventista

PUBLICAÇÃO MENSAL

Junho 1988
Ano XLVI • N.º 499

DIRECTOR: J. Morgado

REDACTORA: M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:
Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex • Tel. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 650\$00
Número Avulso 65\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós • Tel. 42413
Depósito Legal n.º 2705/83

minho para nós, abrindo-nos ao Espírito, estudando as Escrituras.

Porque, finalmente, a mensagem de Minneapolis só pode ser conhecida por *experiência*. Nós experimentamos o libertador dom de Deus da justificação; confiamos em Cristo como nossa única esperança. E assim fazendo, somos transformados à Sua semelhança.

Quando, em 1888, a mensagem de Deus nos foi dada, ela perdeu-se em maledicência, suspeitas e disputas teológicas. Também eu tenho visto faces carrancudas e tenho ouvido vozes iradas deitando abaixo outros Adventistas acerca da justificação pela fé. Que perversão das boas novas! Oxalá isto não possa acontecer em 1988!

Ao prepararmos este número especial da *Revista*, fazêmo-lo com a oração de que ele tenha, realmente, a doce influência do Espírito Santo, que ele traga luz, esperança e cura. A mensagem de Cristo Justiça Nossa é o coração do Adventismo, é o coração das Escrituras. Ela reavivará e reformará a igreja.

Perguntaram uma vez a um pregador adventista porque é que ele falava tantas vezes sobre a justificação em Cristo. Ele respondeu:

— Que é que há mais para pregar?

Amém.

Referências

1. Carta 179, 1902.
2. *Review and Herald*, 3 de Setembro de 1889.
3. Carta 55, 1889.
4. Manuscrito 5, 1889.

William G. Johnsson é editor da *Adventist Review*.

O Significado de Minneapolis

GEORGE R. KNIGHT

A justiça pela fé, mais do que uma teoria, é uma transacção, uma experiência.

Extraído e adaptado do livro de George R. Knight, From 1888 to Apostasy: The Case of A.T. Hones, (Hagerstown, Md., Review and Herald Publ. Assn., 1987), pp. 65-71.)

Durante anos, os Adventistas do Sétimo Dia têm-se questionado constantemente sobre o exacto significado doutrinário da mensagem de 1888. Têm até ido mais longe nas suas tentativas para descobrir as palavras exactas de Jones e Waggoner (particularmente as deste último) agindo como se os dois homens fossem de algum modo inspirados, visto terem tido o *imprimatur* do profeta. Tais abordagens vão na direcção errada.

Em primeiro lugar, as principais questões das reuniões de 1888 sobre a justificação pela fé não eram doutrinárias, mas experienciais. Em segundo lugar, a mensagem exacta de Waggoner está provavelmente perdida para sempre.¹ Poderia ser sugerido, dado o modo como os

adventistas se têm digladiado sobre estas questões, que as palavras de Waggoner, tal como a localização do túmulo de Moisés, foram providencialmente ocultadas para que os não pudéssemos adorar. De qualquer maneira, é já tempo de os Adventistas se moverem de uma posição de altercação sobre 1888 para a de aplicação pessoal da sua mensagem. É nisso que reside a única esperança. É a prática experiencial da mensagem apresentada em 1888 que preparará os Adventistas para a vinda do Senhor.

O problema, todavia, é descobrir a natureza da mensagem de 1888. Dado que as precisas palavras de Waggoner (e de Jones) sobre a justificação pela fé, nessa memorável conferência, desapareceram, e dado que os proponentes de todas as posições teológicas sobre o seu significado assentam fortemente no endosso de Waggoner e Jones por Ellen White, a melhor maneira de saber o que ela entendeu ser a essência dos seus ensinamentos é examinar o que ela tem a dizer sobre a mensagem deles e daqueles que se lhe opuseram. Esta abordagem é bastante mais segura do que ler nos sermões deles de 1888 coisas que eles subsequentemente pregaram.

Espírito Incorrecto

Uma coisa a notar é que, segundo Ellen White, aqueles que se opuseram, em 1888, à justificação pela fé eram dominados por um espírito incorrecto. O espírito de Minneapolis consistia, entre ou-

«E disse, também, esta parábola, a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros:

«Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, estando em pé, orava consigo, desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes por semana, e dou os dízimos de tudo quando possuo.

«O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!

«Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque, qualquer que a si mesmo se exalta, será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha, será exaltado.» — Lucas 18:9-14.

tras coisas, numa atitude crítica para com os que discordavam teologicamente das suas opiniões. Era um espírito de contenda, que se centrava em debates doutrinários, que excitava as «paixões humanas» e a «amargura de espírito» para com qualquer que se aventurasse a sugerir idéias «que fossem julgadas invasões sobre as antigas doutrinas» e caracterizava-se por «jogos» e «trocadilhos de palavras» e seus significados. Além disso, o espírito de Minneapolis incitava a atitudes e sentimentos ásperos e ofensivos e dava demasiada ênfase à lei e à preocupação com uma justiça humana. Fora o espírito inquisitorial que colocara Cristo na cruz e excomungara os Milleritas no movimento de 1844.²

O espírito de Minneapolis, infelizmente, continua vivo e activo na Igreja Adventista, aparecendo entre aqueles que, tais como os que Ellen White censurara em 1888, estão «sempre prontos e equipados para se oporem, sem aviso prévio, a tudo o que seja contrário às suas próprias opiniões.»³

Em contraste com o espírito de Minneapolis está o espírito do Cristianismo, o qual Ellen White advogou em 1888 e através de todo o seu ministério. Esse espírito era a atitude de cortesia cristã que teria tratado Jones e Waggoner como Jesus o teria feito, mesmo que eles pudessem estar errados em certas questões doutrinárias. Em contraste com a hostilidade da velha guarda, a Sra. White ficou agradada com o «espírito correcto», «espírito semelhante ao de

Cristo», manifestado por Waggoner durante toda a apresentação dos seus pontos de vista em Minneapolis.⁴

A diferença de preocupação da Sra. White em relação ao espírito de Minneapolis é que ela não estava interessada nas questões doutrinárias da conferência de 1888. Em Dezembro de 1888, ela observou que alguns estavam preocupados porque «A. T. Jones e o Dr. Waggoner mantinham opiniões sobre pontos doutrinários, que todos admitem não serem questões vitais, diferentes daquelas que alguns dos dirigentes do nosso povo têm tido. Mas é uma questão vital se somos ou não cristãos, se temos ou não um espírito cristão; e se somos verdadeiros, abertos e francos uns para com os outros.» De novo, em Maio de 1889, ela escreveu: «A diferença de opiniões em relação à lei em Gálatas não precisava de ter produzido nenhuma daquelas exhibições. Não tenho a mínima preocupação acerca desse assunto. Deus não inspirou todo esse intenso sentimento sobre aquele assunto... A minha única inquietação é a posição daqueles ministros que estiveram presentes nessa conferência, que manifestaram tão pouco do espírito de Cristo e possuíam mais amplamente o espírito que controlava os escribas e fariseus.» Se participar do seu zelo por pureza doutrinária fizesse tão anticristã quanto eles, ela diria: «Deus me livre das vossas ideias.» Qualquer «acariciada teoria» que subjugar a nossa atitude cristã em

relação aos outros é tão «sagrada como um ídolo».⁵

Revolução Espiritual

Artur G. Daniells tinha pontos de vista semelhantes. Falando da estranha resistência de alguns à mensagem de 1888, escreveu: «Pensaria que eles estariam apenas demasiado alegres para abrir os seus corações de par a par e receberem estas boas novas. Não somos chamados a rejeitar qualquer das nossas preciosas doutrinas, mas é-nos simplesmente pedido que recebamos vida interior das doutrinas, sem a qual vida a teoria é impotente para nos salvar.» Mais de 30 anos mais tarde, Daniells manteria ainda o conceito do significado de 1888. Em *Cristo Justiça Nossa*, ele reivindicou que, mais do que uma teoria, «a justificação pela fé é uma transacção, uma experiência»⁶.

Daniells captara a essência da preocupação de Ellen White acerca de 1888. Não era doutrinária, mas experiencial. Como ela própria indicara no princípio de 1889: «Deve haver uma revolução espiritual em todas as igrejas para que frutos de justiça possam ser vistos na nossa vida diária.» A sua preocupação era que os Adventistas do Sétimo Dia «individualmente O conhecessem» como seu Salvador.⁷

Esse sentimento não era nada de novo. Tinha sido convicção sua antes da conferência de Minneapolis. Já em 1887, quando ela viria no horizonte as batalhas doutrinárias do ano seguinte, escrevera a

«Se juntássemos tudo o que é bom e santo, nobre e belo no homem, e apresentássemos o resultado aos anjos de Deus, como se desempenhasse uma parte na salvação da alma humana ou na obtenção de mérito, a proposta seria rejeitada como traição.» — Ellen White, Fé e Obras, p. 217.



Alonzo T. Jones e Ellet J. Waggoner eram redactores da revista *Signs of Times* e desempenharam preponderante papel no Instituto Bíblico e na sessão da Conferência Geral de 1888 como eloquentes proponentes da justificação pela fé em Cristo.

A.T. Jones que «há perigo de os nossos ministros falarem muito sobre doutrinas, ... quando a sua própria alma precisa de piedade prática.»⁸ Mas essa era uma mensagem dura de captar numa denominação que se orgulhava das suas posições teológicas distintivas. Os seus ministros estavam dispostos a bater-se até à morte para preservar aquilo que acreditavam ser o Adventismo tradicional.

No início de 1891, Ellen White confiou ao seu diário o que parece ser a sua compreensão do centro da mensagem de 1888. Ela observou que alguns temiam que a igreja estivesse «levando todo o assunto da justificação pela fé demasiado longe, e ... não se falasse suficientemente na lei.» A seguir, ela lamentava que muitos Adventistas apresentassem os seus «temas de um modo argumentativo, ... mal mencionando o poder salvador do Redentor.» Eles e as suas mensagens eram «destituídos do sangue salvador de Jesus Cristo». «De todos os professos cristãos, os Adventistas do Sétimo Dia deveriam ser os primeiros a exaltar Cristo diante do mundo.» Os Adventistas deviam de pregar tanto a lei como o Evangelho — «misturados, [eles] convenceriam do pecado.» «A lei de Deus, afirmou ela, (tal como fizera quando apoiou Waggoner em Minneapolis), «enquanto condena o pecado, aponta para o Evangelho. ... Em nenhum discurso devem eles ser divorciados.» Demasiados Adventistas não tinham visto que «Jesus Cristo é a glória da lei».

E continuava até salientar a sua preocupação central tanto em relação à mensagem de 1888 como em relação à Igreja Adventista. «Porquê, então», interrogava, «se manifesta na igreja uma tão grande falta de amor?»

«É porque Cristo não é constantemente apresentado diante do povo. Os Seus atributos de carácter não são trazidos para a vida prática....

«Uma teoria correcta da verdade pode ser apresentada, e todavia pode não ser manifestado o calor da afeição que o Deus da verdade requer....

A religião de muitos é muito parecida com um pingente de gelo — glacialmente frio.... Eles não podem tocar o coração de outros, porque os seus próprios corações não estão cheios do bendito amor que brota do coração de Cristo. Há outros que falam de religião como de uma questão de vontade. Demoram-se longamente sobre o dever estrito como se ele fosse um patrão dominante com vara de ferro — um patrão severo, inflexível, todo-poderoso, desprovido do doce e enternecedor amor e terna compaixão de Cristo.»⁹

A Sra. White concluía as suas observações no diário com uma renúncia à posição de que uma compreensão teológica da justificação pela fé seja de importância absoluta.

A Nossa Esperança

«Muitos cometem o erro de tentar definir minuciosamente os mais

ínfimos pontos de distinção entre justificação e santificação. Nas definições destes dois termos, eles colocam muitas vezes as suas próprias ideias e especulações. Porque tentar ser mais minucioso do que a Inspiração o é na questão vital da justificação pela fé? Porque tentar esmiuçar cada minúsculo ponto como se a salvação dependesse de todos terem exactamente a vossa compreensão do assunto? Nem todos podem ter a mesma linha de visão.» Jesus e a Sua graça perdoadora, notou ela, são a única esperança do cristão na vida.¹⁰

A mensagem de 1888, tal como Ellen White a via, não é doutrinal. Não a encontramos preocupada com a lei na epístola aos Gálatas, ou com os concertos, ou com a Trindade. Nem tão-pouco a encontramos comentando sobre a natureza humana ou divina de Cristo, ou sobre a vida sem pecado como elementos-chave da mensagem. Ela nem sequer estava obcecada com a doutrina da justificação pela fé. O seu interesse especial era Jesus Cristo, era que os Adventistas pudessem aplicar os atributos do Seu amorável carácter à experiência prática da vida quotidiana, e que os indivíduos fossem a Cristo para obter perdão. Se eu fosse o diabo, faria com que os Adventistas argumentassem sobre doutrinas e discorressem sobre o significado das palavras para que lhes não sobrasse nenhum tempo para a sua missão. Isso, de facto, é o que a Sra. White deduz que ele tem feito.¹¹

Os Adventistas têm tido a ten-

«Noite e dia eu ponderava até que vi a conexão entre a justiça de Deus e a declaração de que 'O justo viverá pela fé'. Então compreendi que a justiça de Deus é aquela justificação pela qual e através da graça e pura misericórdia, Deus nos justifica mediante a fé. . . . Toda a Escritura se revestiu de um novo significado, e onde antes a 'justiça de Deus' me enchera de temor, agora isso tornava-se para mim inexpressivelmente doce em maior amor.» — Martinho Lutero.



Figura central da Reforma Protestante, Martinho Lutero (1483-1546) redescobriu as boas novas da salvação pela graça mediante a fé.

dência de se afastar do trilho numa outra área em relação a 1888. Ellen White sugeriu em termos de modo algum vagos que a mensagem de Jones e Waggoner sobre a justificação pela fé era a mensagem de Deus. O que frequentemente temos esquecido é que ela continuou apelando à igreja a que regressasse ao estudo da Bíblia em relação à mensagem de 1888.¹² Temos de nos lembrar sempre de que os homens de Deus de 1888 receberam a sua mensagem da Palavra. *O imperativo não é fixar-se nas palavras de Jones ou Waggoner, mas nas de Jesus e dos apóstolos.* Jones e Waggoner tinham erros misturados na sua mensagem, mas a Bíblia é sempre um guia seguro. A Sra. White exaltou os dois homens porque eles estavam exaltando a mensagem do Evangelho, porque as suas palavras apontavam para a mensagem e não porque elas fossem a própria mensagem. Talvez uma das melhores coisas que aconteceram à mensagem de 1888 (dada a tentação de glorificar Jones e Waggoner, devido ao endosso deles por Ellen White) é que, tanto quanto saibamos, nunca ninguém registou as suas exactas palavras em Minneapolis sobre a justificação pela fé. Se a igreja ainda as tivesse, sem dúvida alguns procurariam construir um credo a partir delas. Através da história, a igreja tem sempre estado em profunda perturbação quando gasta mais tempo com as ideias dos seus teólogos do que com a Bíblia, ou quando interpreta as palavras da Bíblia através dos olhos deles.

A este respeito, precisamos de ter constantemente em mente o papel de Ellen White nas lutas teológicas. Relativamente interessante é o facto de que a mais violenta batalha de Minneapolis se centrou na interpretação dela sobre a lei na epístola aos Gálatas. O partido ortodoxo perdeu totalmente a compostura ao procurar defender o que acreditava ser a tradicional «posição do Espírito de Profecia». Isso suscitou neles o espírito do farisaísmo. Por outro lado, Ellen White não estava nem de perto tão preocupada quanto eles com as

suas disputas doutrinárias. Ela nunca pontificou nesta matéria, nem procurou usar a sua autoridade para resolver problemas relacionados com as dez pontas, ou com a lei na epístola aos Gálatas. Pelo contrário, ela apelava ao estudo da Bíblia e à discussão aberta quando a sua compreensão diferia da de Waggoner.¹³ Ela recusava o papel de árbitro teológico. Talvez aqui esteja uma importante lição para o Adventismo do século XX, ao procurar relacionar Ellen White com a Bíblia e com a doutrina adventista.

Amar é mais importante

O significado de 1888 para a Igreja Adventista é pôr de lado o debate teológico e exaltar a Jesus, permitindo que o Espírito Santo imprima o amável carácter de Cristo nas nossas vidas, e louvar o Seu nome pelo perdão e poder para o viver cristão. Isso não significa que a doutrina não seja importante. A doutrina correcta dá direcção à experiência cristã na vida diária. O problema de 1888, todavia, surge sempre que a contenda sobre a doutrina correcta obscurece a experiência religiosa. Deveríamos também compreender que o problema de 1888 não era sobre qualquer doutrina denominacional principal, mas sobre o que alguns, erradamente, acreditavam ser «doutrinas-marcos». Situações similares foram a ruína da igreja cristã através da história, e os Adventistas, infelizmente, têm continuado a baptizar novos «marcos» no século XX, os quais desviam as

suas energias. Resumindo, a doutrina básica é importante, mas só é importante dentro do contexto da experiência cristã.

O significado de 1888 é aprender as suas lições centrais e começar agora a viver uma vida onde o amor se manifeste. O significado de 1888 é olhar em frente e não para trás. O significado de 1888 é o chamado para os Adventistas porem de lado as disputas teológicas como sendo todo-importantes, e tratarem-se uns aos outros como cristãos, mesmo quando estejam em desacordo. Só então estarão eles em posição de testemunhar, de forma convincente, de que têm a mensagem de Cristo para um mundo moribundo.

1. George R. Knight, *From 1888 to Apostasy: The Case of A.T. Jones* (Hagerstown, Md., Review and Herald Publ. Assn. 1987), pp. 37, 261.

2. E.G. White to Dear Children of the Household, 12 de Maio de 1889; ver Knight, pp. 44, 45, sobre discussão do espírito de Minneapolis.

3. Manuscrito 15, 1888.

4. Ellen G. White a R.A. Underwood, 18 de Janeiro de 1889; manuscrito 24, 1888.

5. Ellen G. White a William M. Healey, 9 de Dezembro de 1888; Ellen G. White ao Ir. Fargo, 2 de Maio de 1889; manuscrito 55, 1890.

6. A.G. Daniells a O.A. Olsen, 14 de Maio de 1893; A.G. Daniells, *Christ Our Righteousness* (Washington, D.C., Ministerial Association of Seventh-day Adventists, 1941), p. 21; ver Knight, pp. 51-53, para provas adicionais acerca do significado experiencial (não-doutrinal) de 1888.

7. Ellen G. White a R.A. Underwood, 18 de Janeiro de 1889; manuscrito 24, 1888 (italico nosso).

8. Ellen G. White a E.J. Waggoner e A.T. Jones, 18 de Fevereiro de 1887 (italico nosso).

9. Ellen G. White, diário, 27 de Fevereiro de 1891 (italico nosso).

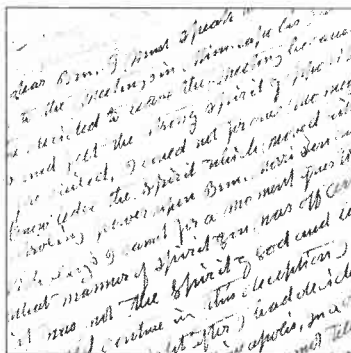
10. *Ibid.*, (italico nosso).

11. Ver Ellen G. White aos Pastores Madison e H. Miller, 23 de Julho de 1889.

12. Manuscrito 56, 1890; manuscrito 15, 1888; manuscrito 24, 1888.

13. Manuscrito 15, 1888.

George R. Knight é professor de História da Igreja no SDA Theological Seminary de Berrien Springs, Michigan, E.U.A.



Em 1889 Ellen White escreveu aos dirigentes da Conferência Geral manifestando a sua consternação pelo choque de personalidades e conflitos sobre os pontos doutrinários, que caracterizaram as reuniões 1888 em Minneapolis. Se Deus não tivesse intervindo especificamente num sonho, disse, ela teria abandonado as reuniões.

Ellen White Clarifica alguns Pontos

ELLEN G. WHITE

Como a fé e as obras se relacionam com a salvação

Excertos de um manuscrito geral escrito em 1890, por ocasião dos institutos ministeriais em Battle Creek, arquivado como manuscrito 36, 1890, e publicado no livro Fé e Obras, pp. 15-24.

Reiteradas vezes me tem sido apresentado o perigo de nutrir, como um povo, falsas ideias da justificação pela fé. Durante anos tem-me sido mostrado que Satanás trabalharia de maneira especial para confundir a mente quanto a esse ponto. Tem-se falado longamente sobre a lei de Deus e ela tem sido apresentada às congregações quase de modo tão destituído do conhecimento de Jesus Cristo e de Sua relação para com a lei como a oferta de Caim. Foi-me mostrado que muitos se conservam longe da fé devido às ideias embaralhadas e confusas acerca da salvação, e porque os ministros têm trabalhado de maneira errônea para alcançar os corações.

O ponto que durante anos tem sido recomendado com insistência à minha mente é a justiça imputada de Cristo. Tenho estranhado que este assunto não se tenha tornado o tema de sermões em nossas igrejas em todas as partes do país, sendo que tão constantemente é realçado perante mim e eu o tenho tornado o assunto de quase todo o sermão e palestra que hei proferido para o povo.

Só Jesus Salva

Muitos jovens são enviados a trabalhar, embora não compreendam o plano da salvação e o que é verdadeira conversão; na realidade, precisam de converter-se. Precisamos de ser esclarecidos sobre este ponto, e os ministros têm de ser ensinados a alongar-se mais pormenorizadamente sobre os assuntos que explicam a verdadeira conversão. Todos os que são batizados devem tornar evidente que se converteram. Não há um ponto que necessite de ser realçado com mais diligência, repetido com mais frequência ou estabelecido com mais firmeza na mente de todos, do que a impossibilidade de o homem caído merecer alguma coisa por suas próprias e melhores boas obras. A salvação é unicamente pela fé em Jesus Cristo. ...

Torne-se distinto e claro o assunto de que não é possível efectuar coisa alguma em nossa posição diante de Deus ou no dom de Deus para nós, por meio do mérito de seres criados. Se a fé e as obras adquirissem o dom da salva-

ção para alguém, o Criador estaria em obrigação para com a criatura. Eis aqui uma oportunidade para a falsidade ser aceita como verdade. Se alguém pode merecer a salvação por alguma coisa que faça, encontra-se então, na mesma posição que os católicos para fazer penitência por seus pecados. A salvação, nesse caso, consiste em parte numa dívida, que pode ser ganha como salário. Se o homem não pode, por qualquer de suas boas obras, merecer a salvação, então ela tem de ser inteiramente pela graça, recebida pelo homem como pecador, porque ele aceita a Jesus e crê n'Ele. Ela é inteiramente um dom gratuito. A justificação pela fé está fora de controvérsia. E toda essa discussão estará terminada logo que seja estabelecida a questão de que os méritos do homem caído, em suas boas obras, jamais poderão obter a vida eterna para ele.

A luz que me foi dada por Deus coloca este importante assunto acima de qualquer dúvida em minha mente. A justificação é inteiramente de graça, não sendo obtida por nenhuma obra que o homem caído possa efectuar. Em linhas claras foi-me apresentado o assunto de que se o rico possui dinheiro e propriedades, e faz uma oferta dos mesmos ao Senhor, surgem falsas ideias para arruinar a oferta com o pensamento de que ele mereceu o favor de Deus, e de que o Senhor está sob a obrigação para com ele de considerá-lo com especial favor por causa dessa dádiva.

O papel desempenhado por Ellen na Conferência Geral de 1888 foi importantíssimo. Sem o seu apoio, os jovens Jones e Waggoner talvez não tivessem sido ouvidos. (Gravura da Pioneer Press, de St. Paul-Minneapolis, de Outubro de 1888.)



«Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação, pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça, neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.» — Romanos 3:23-26.

A criação pertence a Deus. Se abandonasse o homem, o Senhor poderia deter-lhe imediatamente a respiração. Tudo que ele é e tudo que ele possui pertence a Deus. O mundo inteiro é de Deus. As casas dos homens, suas aquisições pessoais, tudo o que é valioso ou brilhante é a própria dotação de Deus. Tudo isto é Sua dádiva para ser devolvida a Deus para ajudar a cultivar o coração humano. As ofertas mais esplêndidas podem ser colocadas sobre o altar de Deus, e os homens enaltecerão, exaltarão e louvarão o doador por sua liberalidade. Em quê? «Tudo vem de Ti, e das Tuas mãos To damos» (I Crônicas 29:14). Nenhuma obra do homem pode fazer com que mereça o amor perdoador de Deus, mas o amor de Deus, imbuindo a alma, o levará a efectuar as coisas que sempre foram requeridas por Deus e que o homem deve realizar com prazer. Ele só efectuou o que o dever sempre requereu dele. ...

Poderão ser travadas discussões por seres humanos que defendem ardorosamente o mérito das criaturas e por todo o homem que luta pela supremacia, mas eles simplesmente não sabem que durante todo esse tempo, em princípio e carácter, estão deturpando a verdade como ela é em Jesus. Encontram-se num nevoeiro de perplexidade. Necessitam do divino amor de Deus que é representado pelo ouro provado no fogo; necessitam também das vestiduras brancas do puro carácter de Cristo; e necessitam

também do colírio celestial, para que possam discernir com assombro a completa desvalia do mérito das criaturas para ganhar a recompensa da vida eterna. Pode haver fervorosa labuta e intensa afeição; elevada e nobre consecução intelectual, amplitude de compreensão e a maior humilhação, que sejam depositadas aos pés de nosso Redentor; mas não há nisso nem um pouquinho mais do que a graça e o talento originalmente dados por Deus. Não deve ser dado nada menos do que ordena o dever, mas não se pode dar nada mais do que se recebeu a princípio; e tudo precisa ser colocado sobre o fogo da justiça de Cristo, a fim de que seja purificado do seu odor terreno, antes que ascenda numa nuvem de fragrante incenso ao grande Jeová e seja aceito como aroma suave.

Pergunto: Como posso apresentar este assunto assim como é? O Senhor Jesus comunica todo o poder, toda a graça, toda a penitência, toda a inclinação, todo o perdão dos pecados, ao apresentar a Sua justiça para que o homem dela se apodere por meio de fé viva — a qual também é o dom de Deus. Se juntássemos tudo que é bom e santo, nobre e belo no homem, e apresentássemos o resultado aos anjos de Deus, como se desempenhasse uma parte na salvação da alma humana ou na obtenção de mérito, a proposta seria rejeitada como traição. Encontrando-se na presença do seu Criador e contemplando a glória insuperável que envolve Sua Pessoa, eles con-

sideram o Cordeiro de Deus dado desde a fundação do mundo a uma vida de humilhação, a ser rejeitado por homens pecaminosos, e a ser desprezado e crucificado. Quem pode avaliar a imensidão desse sacrifício!

Cristo Se fez-pobre por amor de nós, para que pela Sua pobreza nos tornássemos ricos. E quaisquer obras que o homem pode prestar a Deus serão muito menos do que nada. Meus pedidos só se tornam aceitáveis por estarem baseados na justiça de Cristo. A ideia de fazer algo para merecer a graça do perdão é errónea do começo até o fim. «Senhor, não trago na mão valor algum; simplesmente me apego à Tua cruz.»

Ouvimos serem pregadas tantas coisas a respeito da conversão da alma que não são verdade. Os homens são ensinados a pensar que se alguém se arrepende, será perdoado, supondo que o arrependimento é o caminho e a porta para o Céu; que há no arrependimento certo valor garantido que compre o perdão para ele. Pode o homem arrepender-se por si mesmo? Não mais do que pode perdoar a si próprio. Lágrimas, suspiros, resoluções — tudo isso constitui apenas o apropriado exercício das faculdades que Deus concedeu ao homem e o acto de afastar-se do pecado na regeneração de uma vida que é de Deus. Onde está o mérito do homem para ganhar sua salvação ou para colocar diante de Deus algo que seja valioso e excelente? Pode uma oferta de dinhei-

*«Na minha própria força, nenhuma esperança deponho;
Mérito algum em mim mesmo possuo;
Invoco o poderoso nome de meu Senhor;
A seus braços corro por socorro.*

*Lava-me nessa grande fonte de amor,
Em Judá aberta para a nossa raça;
Torna-me apto a poder estar na Tua mansão lá no alto,
E elegendamente contemplar a Tua face.*

Uriah Smith, in *Review an Herald*,
6 de Fevereiro de 1866.



Uriah Smith, durante longo tempo redactor da *Review and Herald*, opôs-se a Waggoner e Jones na conferência de Minneapolis.

ro, casas, terras, colocar-vos na lista do merecimento? Impossível!

Há o perigo de considerar que a justificação pela fé concede algum mérito à fé. Quando aceitamos a justiça de Cristo como um dom gratuito somos justificados gratuitamente por meio da redenção de Cristo. Que é fé? «A certeza de coisas que se esperam, a convicção de factos que se não vêem» (Hebreus 11:1). É uma anuência do entendimento às palavras de Deus que prende o coração em voluntária consagração e serviço a Deus, o qual deu o entendimento, o qual enterneceu o coração, o qual primeiro levou a mente a contemplar a Cristo na cruz do Calvário. Fé é entregar a Deus as faculdades intelectuais, submeter-Lhe a mente e a vontade e fazer de Cristo a única porta de entrada no reino dos Céus.

Quando os homens aprendem que não podem obter a justiça pelo mérito de suas próprias obras e olham com firme e inteira confiança para Jesus Cristo como sua única esperança, não haverá tanto do próprio eu e tão pouco de Jesus. Almas e corpos são maculados e poluídos pelo pecado, o coração é alienado de Deus, contudo muitos estão-se debatendo, em sua própria força finita, para conquistar a salvação por boas obras. Jesus, pensam eles, efectuará uma parte da salvação, e eles precisam de fazer o resto. Necessitam de ver pela fé a justiça de Cristo como sua única esperança para o tempo e para a eternidade. ...

O templo da alma tem de ser sagrado, santo, puro e impoluto. Deve haver uma co-participação em que todo o poder é de Deus e toda a glória pertence a Ele. A responsabilidade recai sobre nós.

Precisamos de receber em pensamentos e em sentimentos, para dar em expressão. A lei da acção humana e divina torna o recebedor um cooperador de Deus. Ela conduz o homem onde ele, unido com a Divindade, pode efectuar as obras de Deus. A humanidade se põe em contacto com a humanidade. O poder divino e a sua actualiação humana combinados serão um êxito total, pois a justiça de Cristo cumpre tudo. ...

«Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus.» (Efésios 2:8). Aqui há verdade que desdobrará o assunto à vossa mente, se não a verdades aos raios de luz. A vida eterna é um dom infinito. Isto a coloca fora da possibilidade de ser ganha por nós mesmos, pois é infinita. Precisa de ser forçosamente uma dádiva. E, como tal, tem de ser recebida pela fé, e oferecendo a Deus gratidão e louvor. Sólida fé não conduzirá ninguém ao fanatismo, nem a desempenhar o papel do servo indolente. É o fascinante poder de Satanás que leva os homens a olharem para si mesmos, em vez de olharem para Jesus. A justiça de Cristo deve ir à nossa frente para que a glória do Senhor seja a nossa retaguarda. Se fazemos a vontade de Deus podemos aceitar grandes bênçãos como generosa dádiva de Deus, mas não em virtude de algum mérito em nós; este é sem valor. Realizai a obra de Cristo, e honrarei a Deus e sereis mais do que vencedores por meio d'Aquele que nos amou e deu a vida por nós, para que tivéssemos a salvação em Jesus Cristo.

E.G. White, Fé e Obras, Casa Publicadora Brasileira, S. Paulo, 1981.

O Teste Final

CHARLES E. BRADFORD

O laboratório das relações humanas oferece a oportunidade de testar a nossa doutrina

O propósito de Deus é claro — a justiça de Seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, deve encontrar a sua expressão final na igreja, em e através de um povo, o Seu povo, a igreja.

A justificação pela fé não é simplesmente uma doutrina a ser examinada, discutida e descrita como uma fórmula num quadro escolar. É também algo mais do que uma bela teoria. É algo a ser posto em prática num ambiente comunitário, nas relações entre o povo. Este é o teste final: Dará resultado positivo no laboratório das relações humanas — com pessoas que são diferentes em todas as maneiras possíveis — e que podem até estar em desacordo umas com as outras?

A justiça de Deus faz com que indivíduos que estiveram separados por muros divisórios de hostilidade entrem numa nova relação com Cristo e uns com os outros. «A ligação com Cristo, portanto, envolve a ligação com a Sua igreja» (*Evangelismo*, p. 318). Tornam-se parte do corpo uno de Cristo. A justiça de Deus cria uma comunidade completamente nova:

«A justiça de Deus faz com que pessoas separadas por muros divisórios de hostilidade venham a uma nova relação com Cristo e uns com os outros.» — Charles E. Bradford.

«Assim que, já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus é a principal pedra de esquina, no qual, todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor. No qual, também vós, juntamente, sois edificados para morada de Deus em Espírito» (Efés. 2:19-22). O Espírito procura fazer da comunidade dos crentes o Seu lugar de habitação. E aqui está onde a justiça de Cristo se torna expressão visível.

A justificação, no sentido bíblico, não é consecução individualista, algo de que desfrutemos só para nós, como um nível de realização alcançado sem referência com a comunidade dos crentes. A espécie de justificação que os apóstolos e profetas descrevem tem a ver com pessoas que vivem juntas no amor de Cristo. É uma comunidade na qual a lei de Deus é plenamente operativa tanto nas relações verticais como nas horizontais.

«Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamento de Deus e a fé de Jesus» (Apoc. 14:12). O resultado final da justificação e da santificação (os quais são experimentados individualmente) é que «n'Ele fôsemos feitos justiça de Deus» (II Cor. 5:21). Notai, toda a comunidade é envolvida. A igreja, por conseguinte, torna-se um laboratório no qual os princípios da justiça são demonstrados. «A igreja

de Deus é o recinto de vida santa» (*Serviço Cristão*, p. 14).

É também o jardim de Deus, no qual o fruto da justiça deve crescer e florescer. Todas as espécies de flores e plantas aqui estão, mas constituem um só jardim. «Porque, como a terra produz os seus renovos, e como o horto faz brotar o que nele se semeia, assim o Senhor Jeová fará brotar a justiça e o louvor para todas as nações» (Isa. 61:11).

Israel, então e agora, é sempre uma vinha bem plantada, regada, nutrida, cultivada. O proprietário tem o direito de esperar frutos. Na realidade, exige-os. «Como cristãos, temos de ter uma justiça que se desenvolva e seja vista — uma justiça que represente o carácter de Jesus Cristo quando Ele estava no nosso mundo» (*The SDA Bible Commentary*, vol. 4, p. 1151).

Conhecer a justificação pela fé como uma doutrina, ser capaz de explicá-la e de descrevê-la como teoria, não basta. «Apresentar esta teoria a incrédulos não vos constitui testemunhas de Cristo» (E. G. White, *Review and Herald*, 3 de Fevereiro de 1891, p. 2). Deus deseja um povo, uma comunidade humana que compreenda que é, ela própria, «o templo do Deus vivo» (II Cor. 6:16).

Um Povo Escolhido

Isto pode parecer um cenário pouco apropriado para a Sua justiça se manifestar — pessoas vin-

das de todos os caminhos da vida, pessoas longe de ser perfeitas, pedras extraídas de todas as pedreiras do mundo. Mas Deus está determinado a habitar neles e a entre eles andar. «Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo» (II Cor. 6:16). Têm um destino: «geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido» (I Ped. 2:9). Através deles, Deus pretende demonstrar o que é e do que trata a justificação. Ele está fazendo experiências em carne humana.

O capítulo 58 de Isaías merece que o examinemos mais de perto. Que tremendo caso de estudo! A mensagem é contemporânea, escrita especialmente para aqueles que nos dias de hoje guardam o Sábado. O povo descrito neste capítulo parece conhecer a teoria. Sabem todas as palavras apropriadas, mas a sua experiência não é satisfatória. Falar é para eles um belo exercício de retórica. Mas todo esse conhecimento mental não parece ter operado qualquer diferença. Jejuam, mas ao mesmo tempo exploram os seus empregados. São irascíveis e hostis uns para com os outros. Debatem e discutem muito. E, a partir da descrição do profeta, deduzo que albergam grandes ressentimentos e ódios.

«Os homens podem professar a verdade; mas se ela não os torna sinceros, bondosos, pacientes, dominados, tomando prazer nas coisas de cima, é uma maldição ao seu possuidor e, por meio de sua influência, uma maldição ao mun-

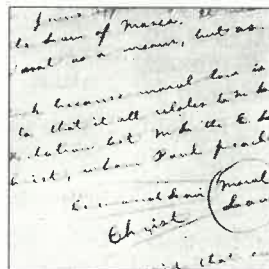
«E me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do Anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor.

«Mas o Senhor disse a Satanás: O Senhor te repreenda, ó Satanás; sim, o Senhor que escolheu Jerusalém, te repreenda; não é este um tição tirado do fogo?

«Ora Josué, vestido de vestidos sujos, estava diante do anjo. Então, falando, ordenou aos que estavam diante dele, dizendo: Tirai-lhe estes vestidos sujos. E a ele lhe disse: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos.

«E disse eu: Ponham-lhe uma mitra limpa sobre a sua cabeça. E puseram uma mitra limpa sobre a sua cabeça, e o vestiram de vestidos: e o anjo do Senhor estava ali.»

— Zacarias 3:1-5.



Uma amostra das notas que William C. White, filho de Ellen White, tomou durante os estudos sobre os livros de Gálatas e Daniel nas reuniões de 1888.

do» (*O Desejado de Todas as Nações*, ed. Bolso, Publicadora Atlântico, SARL, cap. 31, p. 291.) Todo o jejum e oração que possivelmente possamos empreender não são, só por si, suficientes. A fórmula tem de sair do quadro escolar para a vida prática. Ellen White apelava a uma piedade prática.

Como a Alva

Para alcançar o favor de Deus, a opressão, as contendas, os ressentimentos e as infundáveis discussões têm de acabar. Os guardadores do Sábado devem negar-se a si mesmos, lançar fora as obras das trevas e fazer as obras da justiça. Devem chegar-se em amor ao vizinho, ao amigo, ao irmão. Devem parar de voltar-se uns contra os outros e voltarem-se uns para os outros. Imediatamente a nuvem miásmica da dúvida e da suspeita se dissipará. «Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante da tua face, e a glória do Senhor será a tua retaguarda. ... Então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares secos, e fortificará os teus ossos; e serás como um jardim regado, e como um manancial, cujas águas nunca faltam» (Isa. 58:8, 10, 11). O mundo conhecerá o artigo genuíno quando o vir.

Mesmo antes que este número especial sobre a justificação pela fé fosse programado, já este grande tema tinha gerado grande discussão. Toda a igreja está olhando para a doutrina da justificação pela fé. Quão triste seria se a comunidade se tornasse dividida e com partidos sobre a explicação de uma doutrina que já foi chamada de «o mais doce som pronunciado por lábios humanos!» O inimigo está já procurando dividir e subjugar. Mas, desta vez, ganhemos a vitória! Recusemos ser arrastados para controvérsias. «Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros, em amor, procurando

guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz» (Efés. 4:2, 3).

Os especialistas em educação colocam grande ênfase naquilo a que chamam os resultados da aprendizagem. O curriculum, as diversas matérias do estudo, tudo é designado para ter o seu efeito nas atitudes e comportamento do estudante. Todos nós somos alunos na escola de Cristo. Se captarmos os princípios da justiça de Cristo, tanto intelectualmente (a doutrina correcta é importante) como espiritualmente, isso terá os seus efeitos sobre as nossas atitudes e comportamentos. Os resultados da aprendizagem ver-se-ão nas nossas relações. «Nada pode completar a unidade na igreja a não ser o espírito cristão da tolerância» (Manuscrito 24, 1892). Lembremo-nos de que «os poderes das trevas têm poucas possibilidades contra os crentes que se amam uns aos outros como Cristo os amou» (*The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 5, p. 1141).

A despeito da nossa fraqueza, da nossa falha em alcançar a medida da estatura de Cristo, o propósito de Deus não muda. A Sua resolução não diminui. Ele não faltarà nem Se desanimará. Ele semeou abundantemente e abundantemente colherá. «Assim será a palavra que sair da minha boca: ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a envie» (Isa. 55:11). Haverá uma demonstração plena e final da justiça de Cristo na Sua igreja, «gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível» (Efés. 5:22).

Charles E. Bradford é presidente da Divisão Norte-Americana.

Relações Justas

JAMES J. LONDIS

Afinal, o mais importante são as pessoas

Quando um homem me diz que se quer divorciar porque a sua mulher cometeu adultério, que ele tem «motivos bíblicos» e que «ninguém tem nada a censurar-lhe, porque está de acordo com os princípios da igreja», esse homem está-me dizendo que não sabe quase nada acerca da declaração do Evangelho de que somos justificados pela graça, por meio da fé.

Digo-o, porque ele está permitindo que uma relação matrimonial morra sem lutar para a salvar, está permitindo que um acto obviamente errado destrua uma família construída com anos de amor e sacrifício partilhados.

Isto é algo que Deus nunca faria. Justificação pela fé significa que a primeira resposta de Deus à fraqueza humana é perdão e redenção, reconciliando-nos com Ele (ver II Cor. 5:19, 20). Quando, através da nossa infidelidade, nós adulteramos a nossa relação com Deus, a última coisa que Deus faz é encontrar uma justificação para nos abandonar e punir. Para Deus, a relação com os pecadores é mais importante do que qualquer outra coisa. É por isso que Deus sabe que o comportamento obediente ou desobediente é sempre um resultado da qualida-

«Se o comportamento não mudar, se a desobediência persistir, isso significa que a relação não está devidamente sarada.»

— James J. Londis.

de de relação pessoal com Deus e as outras pessoas.

Não que as nossas ações sejam sem importância, ou separáveis das nossas relações uns com os outros. O modo como agimos afecta os sentimentos dos outros a nosso respeito e até os nossos sentimentos em relação a nós próprios. Mas se a psicologia nos ensinou alguma coisa neste século XX, é esta: as nossas primeiras relações têm um enorme impacto sobre o modo como nos comportamos. Isto pode tornar-se um círculo vicioso. Se, pelo facto de não termos sido amados e acarinhados quando crianças nos tornamos neuróticos ou psicóticos, esse nosso estranho comportamento garantir-nos-á que não seremos nem amados nem acarinhados na idade adulta. As nossas primeiras relações viciam o nosso comportamento, o qual nos impede de desfrutar de relações amigáveis, e assim o problema se perpetua. Ainda que ambos, comportamento e relações, sejam importantes e estejam intimamente ligados um ao outro, *as relações vêm em primeiro lugar.*

É por isso que Paulo diz que depois de Deus se ter reconciliado connosco, nós precisamos de reconciliar-nos com Deus. Isto é, mesmo que sejamos perdoados, a relação com Deus depende da nossa aceitação desse perdão e de Lhe respondermos com uma verdadeira entrega pessoal. Uma vez a relação restaurada, alimentada e amadurecida, mais cedo ou mais tarde o nosso comportamento se modificará para melhor. Se o comportamento não mudasse, se a desobe-

diência persistisse, isso significaria que a relação não estava devidamente sarada. Esse é um dos significados por detrás do conselho de que nos devemos aproximar cada vez mais de Deus, se queremos vencer o pecado.

Fazer versus Ser

Uma outra maneira de se captar hoje o que as Escrituras dizem é considerar a velha distinção entre *fazer e ter e ser*. O *fazer* conota-se com acção e feitos, enquanto que o *ter* sugere posse e aquisições.

Ser é mais subtil. Indica o que *somos*, não o que fazemos ou possuímos, apontando para sentimentos e motivos interiores por detrás dos nossos actos. Só ocasionalmente consegue alguém ser suficientemente esperto para enganar quase toda a gente sobre o verdadeiro significado por detrás dos seus actos. A maioria de nós é capaz de ver claramente mesmo através da desonestidade e hipocrisia e reconhecer, digamos, quando uma bondade exterior disfarça a nua cobiça por poder ou lhe disfere um golpe sem compaixão.

Ser é a base para se poder ter relações verdadeiramente estreitas com alguém. Somente quando o que somos corresponde àquilo que fazemos poderão os outros confiar em nós e permitir que se desenvolva a intimidade. Quando aquilo que somos é claro, mesmo que algumas das nossas acções possam porventura parecer negar o que somos, elas não ameaçarão a qualidade da nossa amizade com os outros. Aqueles que nos são próxi-

mos serão suficientemente generosos e gentis para dizerem coisas como: «Isto não parece teu. Que é que se passa? Qual é o problema?»

Se o marido cuja esposa cometeu adultério reagisse assim, talvez ele descobrisse que a «traição» de sua mulher proveio da sua frustração devido à forma de traição dele — falta de tempo ou de atenção na sua vida em comum. Poucas pessoas menosprezam insensivelmente os seus cônjuges. O que acontece o mais das vezes é que agimos mal quando faltamos às nossas obrigações de relacionamento.

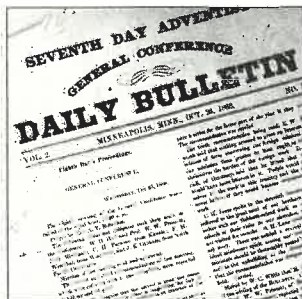
Jesus compreendia isto tão bem!

Por isso, Ele estava tão pronto a aceitar prostitutas e publicanos, por isso Ele era tão paciente com as fraquezas dos Seus discípulos. Por isso Ele pôde perdoar até aqueles que O crucificaram. Jesus sabia perfeitamente que as pessoas não são transformadas pelo facto de tal lhes ser ordenado; são transformadas por serem amadas, por terem novas relações.

De facto, a parábola da cena do julgamento, em Mateus 25, mostra claramente que a base para avaliar da nossa aptidão para o reino é *a maneira como nos relacionamos com aqueles que mais custa relacionar-se: os que sofrem e os que são marginalizados*. Aqueles que se relacionaram com Deus porque Deus tomou a iniciativa de os perdoar e aceitar nos seus pecados devem também tomar a iniciativa de perdoar e aceitar tanto os mais pecaminosos como as maiores vítimas do pecado.

Sabemos agora que o que é mais

O Boletim Diário, publicado durante toda a sessão da Conferência Geral, proporciona valiosa informação sobre os temas e debates que tiveram lugar.



«Como, também, nos elegeru nele, antes da fundação do mundo, que para fôssemos santos e irrepreensíveis, diante dele em amor. E nos predestinou para filhos de adopção, por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito da sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si, no Amado; em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas segundo as riquezas da sua graça, que Ele fez abundar para connosco, em toda a sabedoria e prudência.» — Efésios, 1:4-8.

doloroso para os moribundos, para os pobres ou para os encarcerados é o seu extremo sentimento de estarem sós, de sentirem que ninguém se importa com eles. O copo de água fresca ao sedento, o casaco ao nu, ou a visita ao prisioneiro dizem-lhes que eles são importantes, suficientemente importantes para alguém tomar tempo para estar com eles. Tecnicamente falando, eu poderia dar a uma mulher com sede um copo de água em três ou quatro segundos e a seguir deixá-la. O mesmo é verdade em relação ao casaco e à visita à prisão. *O feito poderia ser feito sem haver qualquer relação com essas pessoas.*

Mas isso violaria claramente a intenção de Jesus, na parábola. *O acto torna-se a nossa maneira de nos relacionarmos com aqueles que se sentem abandonados.* Quanto nos importamos e quanto tempo gastamos — alegremente — no trabalho em favor dos menos dignos de ser amados, ou dos mais antipáticos, diz-nos mais acerca do nosso *ser* do que quase tudo o resto o poderia fazer. Somos nós capazes de dar o primeiro passo de reconciliação em direcção a alguém que nos feriu profundamente sem qualquer razão válida para isso? Somos nós capazes de tomar tempo com pessoas neuróticas ou dependentes, na nossa igreja local, cuja fome por companheirismo quase nos avassala? Somos nós capazes de abrir as instalações da nossa igreja a pessoas sem lar, com os seus cheiros e sujidade?

Pessoas Abordáveis

Quando digo que a justificação pela fé se reflecte mais nas nossas relações do que no nosso comportamento, estou a falar de se ser uma pessoa aberta, uma espécie de pessoa abordável, que aceita os outros mesmo com os seus defeitos. Pessoas comportamentalmente orientadas (legalistas) parecem inabordáveis. Não podemos cometer um erro na sua presença e sentirmo-nos seguros. A sua «justiça» repele em vez de atrair, repele sobretudo os injustos. Tais pessoas parecem não ter compaixão, nem ternura, nem empatia. Às vezes podem até ser severas e implacáveis para com os fracos, e impacientes para com os que caíram. Quando um crente respeitável comete um pecado especialmente odioso, eles são muito mais rápidos em condenar do que em cumular com amor e graça.

Gente cuja atenção se concentra mais nos actos do que nas relações não só são incapazes de amar, são também incapazes de ser amados. Como os fariseus, e como o irmão mais velho da parábola, recusam entrar em contacto com os pecadores, mesmo que se trate dos seus próprios irmãos. A pureza é o seu valor fundamental, não a redenção.

Até ao ponto em que isto seja verdade, eles não aprenderam o que o Evangelho diz acerca da justificação através de Jesus Cristo. Jesus disse aos seus discípulos que a justiça deles devia de exceder a dos escribas e fariseus — não que estejamos a falar tanto de uma

quantidade como de uma qualidade. Amar os que nos odeiam não é *mais* amor do que amar os que nos amam; é um amor *diferente*, é a espécie de amor que eleva as relações mesmo com os nossos inimigos — acima do nosso comportamento.

As relações nunca são rotina. Elas custam muito. Quando o profeta Oseias saiu pelos caminhos à procura de sua infiel esposa Gomer, ele não foi assobiando uma alegre melodia. Foi humilhado e ferido. *Mas a sua relação com sua esposa era mais importante do que a sua dor.* Gomer poderia ter vetado a iniciativa de Oseias. Se o tivesse feito, teria permanecido no seu adultério e Oseias teria permanecido no seu sofrimento.

A epístola aos Hebreus diz-nos que «pela alegria que lhe estava proposta» — a alegria de estar com os seus irmãos e irmãs — Jesus «suportou a cruz» (Heb. 12:2).

Nem todo o engenho da ciência moderna seria capaz de reparar um ovo partido. Seria preciso um milagre. Todavia, quando David pediu a Deus «cria em mim, ó Deus, um coração puro», Deus respondeu-lhe precisamente com esse milagre. Uma vez quebrantada, a nossa relação com Deus não pode ser restaurada sem o milagre da justificação pela fé.

Afinal, as coisas não têm importância. Só as pessoas e as relações importam. Foi por isso que «Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele».

James J. Londis é director do Institute for Contemporary Issues de Washington.

«Mas vós sois d'Ele, Em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito, por Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção.» — I Coríntios 1:30.

Confiança no Julgamento

RICHARD M. DAVIDSON

Como eu perdi o medo do tribunal do Céu

Nem sempre considerei o juízo como parte das reconfortantes boas novas do Evangelho. Quando era jovem, mesmo como membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, eu costumava tremer de medo só de ouvir mencionar o juízo investigativo. A ideia de que o meu nome pudesse ser mencionado no juízo celestial, com todos os meus pecados apresentados diante de Deus e do universo a assistir, fazia-me sentir que *eu nunca poderei passar o teste, por favor, meu Deus, não permitas que o meu nome venha hoje a juízo!*

Imaginem a minha surpresa quando, jovem pastor ainda, deparei com um certo número de orações no livro dos Salmos, nas quais o Salmista não só aceitava de bom grado o juízo, mas, de facto, até ansiava por ele! O argumento mais geral em favor do juízo parece ser bastante estranho: «Levanta-te, ó Deus, julga a terra» (Sal. 82:3). Expressões de alegria e exuberância à vinda do juízo estavam para além de toda a minha compreensão: «Alegram-se os

céus, e regozije-se a terra: ... então se regozijarão todas as árvores do bosque ante a face do senhor, porque vem, porque vem a julgar a terra: julgará o mundo com justiça e os povos com a sua verdade» (Sal. 96:11-13). Não compreendia o Salmista a pecaminosidade do pecado e a seriedade do juízo?

Ele compreendia. Notai a sua oração de arrependimento após o caso com Batseba e o assassinio do marido desta: «Porque eu conheço as minhas transgressões e o meu pecado está sempre diante de mim. Contra ti, contra ti somente pequei e fiz o que a teus olhos parece mal, para que sejas justificado quando falares e puro quando julgares» (Sal. 51:3, 4).

David compreendia a hediondez do seu pecado e a realidade do julgamento. Mas também compreendia a mensagem da justificação pela fé! David via que, pecador como era, os seus pecados podiam ser cobertos e purificados pelo sangue do Substituto. Assim, com alegria, ele bem podia exclaimar: «Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, e cujo pecado é coberto!» (Sal. 32:1).

As sagradas Escrituras exaltam constantemente a impureza do pecado e a certeza do juízo. Mas revelam também que o Cordeiro de Deus, nosso Substituto, foi aceite em nosso lugar. Ao recebermos a Cristo, somos cobertos com as vestes da Sua justiça. Deus diz ao grande acusador: «O Senhor te repreenda, ó Satanás!» (Zac. 3:2). Somos absolvidos, perdoados, purificados.

Voltando-se o Feitiço contra o Feiticeiro

No juízo, volta-se o feitiço contra o feiticeiro. Já não temos de ficar de pé como acusados, porque Cristo pagou o preço completo da nossa absolvição. Agora, em vez de réus, podemos tornar-nos queixosos, clamando por vindicação contra as falsas acusações de Satanás. Agora, tal como David, podemos ansiar e receber de bom grado o juízo. Podemos orar: «Julga-me segundo a tua justiça, Senhor, Deus meu» (Sal. 35:24; algumas versões, entre elas a inglesa, usam a palavra «vindicar» com o sentido de reclamar o seu direito).

Vindicação, reclamação de direitos no juízo? Certeza de salvação no julgamento? Sim, é verdade. Eis boas notícias — quase demasiado boas para serem verdadeiras. Eu não ousava crer nelas, mesmo sendo estudante de teologia, aluno de seminário e até um jovem pastor. Declarações como as que a seguir transcrevo continuam a soar aos meus ouvidos: «Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera sua conversão, que digam ou sintam que estão salvos.» (*Parábolas de Jesus*, p. 155; cf *Mensagens Escolhidas*, livro I, p. 314). Eu não compreendia que Ellen White estava refutando a crença errônea de «uma vez salvos, salvos para sempre». Pensava que ela queria dizer que uma pessoa nunca podia ter a certeza presente da sua salvação. Quão trágico que eu não visse, no mesmo parágrafo, a cer-

«Aquele que se contenta em receber sem merecer, que sente que nunca poderá recompensar tal amor, que põe de lado toda a dúvida e descrença, e vem a Jesus tal como uma criancinha, todos os tesouros do eterno amor lhe são um dom gratuito e perpétuo.

— E. G. White, *Carta 19e*, 1892.

teza que Deus nos concede de que podemos entregar-nos a Cristo e saber que Ele nos aceita!

Durante mais de dois anos eu preguei sermões cheios de Cristo, e todavia desprovidos de certeza em Cristo. Mas finalmente, através de uma cadeia de providenciais e maravilhosas conduções, a simplicidade e beleza do Evangelho começaram a surgir diante dos meus olhos.

As sublimes promessas saltaram das Escrituras para mim, tornando-se algo de pessoal: «Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna» (João 6:47). «Estas coisas vos escrevi para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus» (I João 5:13; sf. vrs 11 e 12). Nas palavras de Ellen White encontrei a mesma gloriosa revelação: «Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, por mais pecaminosa que tenha sido a vossa vida, Cristo é substituído ao vosso carácter, e sereis aceites diante de Deus exactamente como se nunca houvésseis pecado.» (*Aos Pés de Cristo*, 6.^a ed. p. 65).

Alegria e Paz

A maravilhosa descoberta de que eu era «aceite no Amado» (Efés. 1:6), de que Cristo é a minha justiça, trouxeram à minha alma uma paz e uma alegria como as descritas por aqueles que ouviram a mensagem do Evangelho na esteira da sessão da Conferência Geral de 1888. Ellen White retratava os meus próprios sentimentos

ao descrever a experiência de muitos no *camp-meeting* de Ottawa, Kansas, em 1889: «Brilhou luz sobre os oráculos de Deus, em relação à lei e ao evangelho, e em relação a ser Cristo nossa justiça, uma luz que às almas famintas da verdade se afigurava preciosa demais para ser recebida.» (*Mensagens Escolhidas*, livro I, p. 356). Sentia-me como aquele jovem pastor que, nas reuniões campais de Kansas, «Viu que era privilégio seu ser justificado pela fé; tinha paz com Deus, e com lágrimas confessou que alívio e bênção lhe vieram à alma.» (*Ibidem*).

Desde esse primeiro contacto experiencial com a certeza do Evangelho quando era ainda um jovem pastor, a beleza da justificação pela fé tem-se tornado para mim cada vez mais preciosa. Devo confessar que, às vezes, ainda me parece demasiado boa para ser verdade! Dou comigo recaindo inconscientemente nos velhos hábitos de tentar ser suficiente bom para merecer a salvação, e tenho de descobrir, de novo, a jubilosa verdade de «depor a glória do homem no pó» e confiar totalmente na justiça de Cristo.

Contrariamente ao que eu em tempos pensava, e ao que muitos em 1888 receavam, a mensagem da certeza na justiça de Cristo não leva a diminuir o valor da graça. «O seu fruto é para santidade» (*Ibid.*, p. 359; cf. Rom. 6:22). Descobri que é apenas na medida em que eu confio completamente nos méritos do meu Substituto e Fiador que posso, verdadeiramente, obedecer a Deus, tanto no espírito como na

letra. Antes de interiorizar as boas novas da justificação pela fé, eu tinha tentado confiar «na vigilância contra a tentação e no cumprimento de certos deveres para ser por Ele» aceite, e descobrira que, de facto, «Não há vitórias nesta espécie de fé.» Então veio a gloriosa revelação: «Há necessidade de constante vigilância e de fervorosa e terna dedicação; isto, porém, virá naturalmente, se a alma é guardada pelo poder de Deus, mediante a fé. ... Deus aceitará a cada um dos que se chegam a Ele, confiando inteiramente nos méritos de um Salvador crucificado. Brota o amor no coração. ... O dever torna-se um deleite, e um prazer o sacrifício.» (*Ibid.*, pp. 353, 354).

Descobri também que a vida cristã é um assunto de crescimento contínuo, e se no processo de crescimento eu cometo erros, isso não me rouba a minha certeza. Assim como uma criança ao dar os seus primeiros passos não é repudiada pelo pai quando tropeça e cai, assim também o meu Pai Celestial não me abandona quando eu escorrego e caio (ver Salmos 37:24). Já tive muitas vezes de me prostrar e chorar aos pés de Jesus por causa das minhas faltas e erros, todavia, de acordo com a autoridade divina, não tenho que desanimar-me. Mesmo que eu seja vencido pelo inimigo, não sou abandonado, nem desamparado, nem rejeitado por Deus (ver *Aos Pés de Cristo*, pp. 66 e 67). A perfeita santidade de Cristo expia as minhas faltas; quando eu faço o meu melhor, Ele torna-Se a minha justiça (ver *Mensagens Escolhidas*, li-

«Mas o maravilhoso anúncio da graça de Deus gratuita, a qual apaga a culpa, ergue-se contra a intuição que cada homem tem de que há um preço a ser pago. A resposta é a suprema mensagem da Bíblia, a sua suprema revelação; é o próprio Deus quem paga, é o próprio Deus quem pagou o preço uma vez por todas, e o mais elevado preço que poderia ser pago — a Sua própria morte, em Jesus Cristo na cruz.» — Paul Tournier, *Guilt and Grace*, p. 185.

vro I, p. 368): O Pai não olha para o meu carácter faltoso, mas vê-me como revestido com a perfeição de Cristo (ver *O Desejado de Todas as Nações*, ed. de bolso, capt. 37, p. 340).

João, o discípulo amado, usa as seguintes palavras: «Estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo» (I João 2:1). Que reafirmação da certeza Deus nos tem dado!

Estou grato a Deus pela minha certeza não estar dependente dos meus sentimentos. Não posso olhar para dentro de mim em busca de provas da minha aceitação por Deus, porque não veria ali senão coisas que me desanimassem. A minha única esperança reside em olhar para Jesus, minha justiça, minha consolação e minha alegria (ver *Aos Pés de Cristo*, pp. 66, 67; cf. Salmo 51; Isaías 6).

Regozijo-me porque, ao continuar a fixar os meus olhos em Cristo, minha justiça, o resultado prometido é inevitável: o meu arrependimento aprofundar-se-á sempre e, simultaneamente, através da contemplação, eu serei transformado — «transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor» (II Cor. 3:18; ver *Parábolas de Jesus*, p. 160; *Aos Pés de Cristo*, p. 67).

Doutrina Preciosa

Quão preciosa é para mim a doutrina da certeza cristã! Mas também desejo realçar que a dou-

trina do juízo me é agora tão preciosa quanto esta!

Nos anos a seguir a 1888, alguns oponentes da certeza cristã (por exemplo, Albion Ballenger) sentiam que esta doutrina não podia ser reconciliada com o ensinamento adventista sobre o juízo investigativo dos santos a ter lugar antes do Advento e, conseqüentemente, decidiram manter a doutrina mais antiga e rejeitar esta última. Esta opinião tem sido, em anos recentes, novamente defendida por alguns Adventistas. Mas as provas bíblicas que estão a aparecer (especialmente desde 1980), proporcionadas pela Comissão de Daniel e Apocalipse e por outras fontes, são bastante persuasivas: não é uma questão de escolher entre a certeza cristã e o juízo investigativo. Ambas são sólidas doutrinas bíblicas. O que é mais, o julgamento envolve um exame da obra dos santos, como os Adventistas sempre afirmaram.

A igreja cristã tem longamente debatido a questão de como podemos ter a certeza da salvação totalmente pela graça e todavia ser julgados pelas nossas obras. Mas eu acabei por me convencer de que os Adventistas do Sétimo Dia com a sua mensagem singular do antitípico Dia da Expição, agora em curso no Céu, podem pregar estas duas doutrinas com maior harmonia, lucidez e poder do que qualquer geração precedente. O Dia da Expição contém a chave para manter em equilíbrio a relação entre graça e obras, certeza e juízo.

Este equilíbrio é ilustrado pelo lugar especial em que está coloca-

da esta importante passagem referente ao Dia da Expição, Levítico 16. Estudos recentes demonstraram que o Pentateuco (os cinco livros de Moisés) está organizado segundo uma estrutura quiástica, ou de «montanha», na qual os «lados» da montanha pentatónica condizem uns com os outros e o vértice da montanha contém o ponto focal central de todo o conjunto (ver Yehuda Radday, «Chiasm in Tora», *Linguística Bíblica* 19 [1972]: 21-23; e William Shea, «Literary Form and Theological Function in Leviticus», in Frank Holbrook, ed., *The Seventy Weeks, Leviticus, and the Nature of Prophecy*, Daniel and Revelation Committee Series [Washington, D.C.: Biblical Research Institute, 1968], vol. 3, pp. 131-168).

Observemos o diagrama que acompanha este artigo. Notemos que o capítulo central do livro de Levítico, e de todo o Pentateuco, é Levítico 16, o que coloca o foco no Dia da Expição. Se este capítulo forma o ápice de toda a lei mosaica de tipos e figuras, certamente os Adventistas não precisam de envergonhar-se de proclamar o antitípico Dia da Expição como a verdade presente crucial e única para o Israel espiritual do fim dos tempos!

Mas a colocação do Dia da Expição no centro do livro de Levítico tem mais a dizer-nos do que apenas sublinhar a sua importância. Notemos, a partir do diagrama, que o livro de Levítico está dividido em duas metades, cada uma com uma ênfase diferente. Nos capítulos 1 a 15, o tema subjacente é

«A mensagem presente — justificação pela fé — é uma mensagem de Deus; tem as credenciais divinas, porque o seu fruto é a santificação. Receamos que alguns dos que grandemente necessitam da preciosa verdade que lhes foi apresentada não recebam o seu benefício. Eles não abriram a porta dos seus corações para dar as boas-vindas a Jesus, como um hóspede celestial, e com isso sofreram grande perda.» — Ellen White, in Review and Herald, 3 de Setembro de 1889.

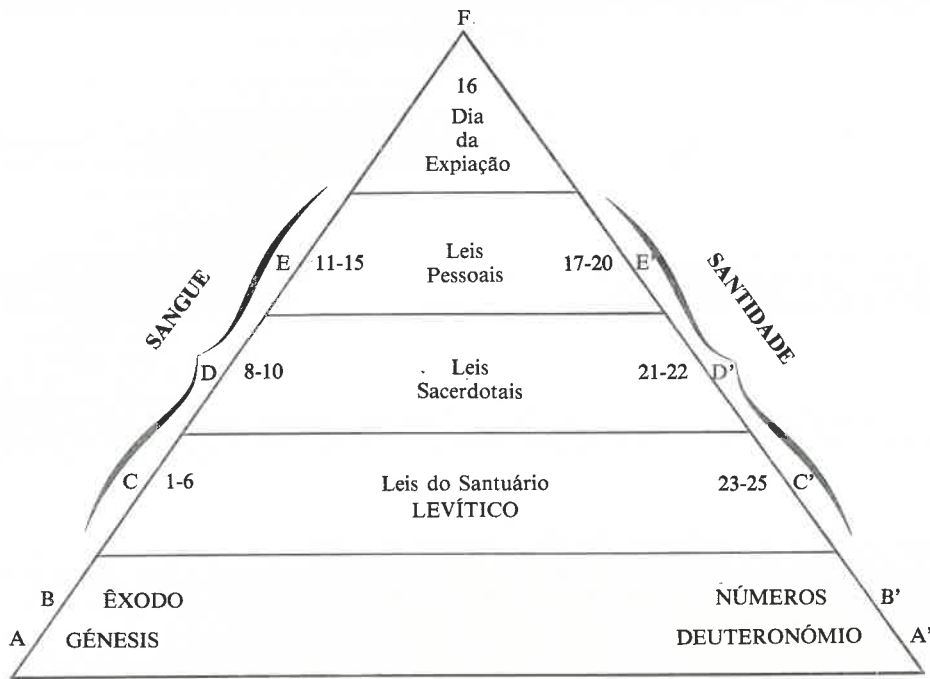


DIAGRAMA DE LEVÍTICO

o sangue. Em quase toda a parte encontramos sangue, sacrifício e expiação substitutiva. Mas na última metade do livro, dos capítulos 17 a 27, o sangue quase nunca é mencionado. Em vez dele, o tema dominante passa a ser a santidade. E exatamente no meio fica o capítulo 16, o Dia da Expição.

Estou convencido de que só podemos apreciar plenamente a *significação* do Dia da Expição quando vírmos o seu contexto em Levítico. Progredindo no esquema em direção ao Dia da Expição,

vemos sangue, sacrifício substitutivo — em termos do Novo Testamento, justificação. A certeza da salvação no Dia da Expição é unicamente baseada no sangue do Substituto. Não obstante, de Levítico 16 para a frente, o resto do livro apresenta um apelo à santidade, à santificação. Assim, o Dia da Expição liga sangue e santidade, justificação e santificação.

Somos salvos pelo sangue, mediante a graça; mas somos julgados pelas nossas obras de santidade, fruto natural da graça expiató-

ria. A eficácia do sangue torna-se manifesta a todos pelo seu sagrado fruto. Certeza e juízo — no Dia da Expição estes dois conceitos revestem-se do seu significado definitivo.

Permitiremos nós que eles se unam e tenham essa definitiva significação na nossa vida?

Richard M. Davidson é presidente do Departamento de Velho Testamento no Seminário Teológico A.S.D. da Universidade de Andrews.

«E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida: aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede.

«Mas já vos disse que também vós me vistes, e contudo não credes. Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora. Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do Pai que me enviou é esta: que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia.

«Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. — João 6:35-40.

Pensando em Mordomia...

«Deus deu indicações especiais quanto ao emprego do dízimo. Ele não quer que a Sua obra seja entravada por falta de meios... A porção que Deus reservou para Si, não deve ser desviada para nenhum outro desígnio que não por Ele especificado. Ninguém se sinta na liberdade de reter o dízimo, para empregá-lo, seguindo o seu próprio juízo. Não devem servir-se dele numa emergência, nem usá-lo segundo lhes pareça justo, mesmo no que possam considerar como obra do Senhor». — Ellen White, Conselhos Sobre Mordomia, pág. 101.

TESTEMUNHO

Fui uma Testemunha de Jeová

Ao escrever estas linhas, obedeço, em primeiro lugar, a uma necessidade imperiosa de coração, um preito de gratidão e amor ao Deus da minha infância, JHVH, aos braços de quem me sinto de volta — tal um filho pródigo que, depois de perdido por inúmeros caminhos e barrancos, regressasse finalmente a casa de seu Pai e fosse recebido com uma festa, quando não esperava nem pedia mais que um pouco de segurança e um abrigo. Apenas. Obrigada, meu Deus!

Em segundo lugar, porque tenho alguma coisa a dizer — com a mesma hombridade que me é própria e sempre me foi reconhecida, mesmo por aqueles que receiam que a minha decisão tenha sido precipitada. Ao contrário, foi um acto consciente, um passo dado em frente com a mesma fortaleza de ânimo e noção das responsabilidades pelas quais tenho procurado orientar a minha vida, já desde esse distante 1966, quando comecei o meu testemunho num jardim... o Jardim da Estrela!

O meu baptismo na Igreja Adventista do Sétimo Dia não foi mais que a confirmação de uma dedicação e entrega totais feitas há muito e que, nem de longe nem de perto, renego. De modo nenhum! Ao servir nas fileiras das Testemunhas de Jeová —

posso dizê-lo com a consciência tranquila — dei o melhor de mim mesma e da minha vitalidade, servi-O com zelo, espírito de renúncia e uma dedicação que, suponho, ninguém que me conheça de longa data será capaz de desmentir, sempre sem uma hesitação, sempre suportando todas as consequências dolorosas que disso me advieram. Por isto, eu creio que esses anos não estão nem foram perdidos perante Deus, pois foi a Ele e nunca a homens que eu temi! Ele, não homens, que eu segui, ainda que obedecendo a uma organização, o que fiz com profunda honestidade e, — vejo-o hoje — com mais que muita ingenuidade...

Para esses com quem trabalhei lado a lado, e que julgo me estimam quanto eu a eles, mas com quem não posso contactar senão por escrito, vai a terceira parte do meu testemunho. E ele não é mais que seguir o conselho do apóstolo Pedro, que nos recomenda que estejamos «sempre preparados para responder com mansidão e temor, a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós» (I Ped. 3:15). «E, se invocais por Pai aquele que, sem parcialidade, julga segundo a obra de cada um, andai em temor, durante o tempo da vossa peregrinação,

sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados... mas com o precioso sangue de Cristo como de um cordeiro imaculado e incontaminado, o qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado nestes últimos tempos por amor de vós» (I Ped. 1:17-20). Este Cristo é o Senhor da Sabedoria.

E está tudo aqui! Curiosamente — não fosse o incongruente da situação — poderia dizer que, hoje sim, sinto-me uma verdadeira testemunha de Jeová, porque cumpro todos os Seus mandamentos. O livro do Êxodo diz especificamente quais eles são. E se a maioria arvora que todos se resumem em dois, não me ocorreu a mim, como a tantos, que seria bom verificar quais os que pertencem à adoração a Deus e quais os que dizem respeito ao amor ao próximo. E este é tão fundamental que o apóstolo João diz que quem não ama o próximo, que vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Isto é incontestável, mas quem não sabe como adorar a Deus, necessariamente não O «conhece», logo, não sabe como Ele quer ser adorado — ainda que se pense o contrário. Jesus Cristo, a *figura central do Cristianismo*, diz-nos claramente que «Deus é Espírito, e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade» (João 4:24). Resta apenas perguntar o que quer dizer «em espírito e em verdade». Em espírito, diz-nos Paulo, que «andamos por fé, e não por vista» (II Cor. 5:7). E «em verdade»?

Quem pode conhecê-lo em verdade, se não for obediente aos Seus mandamentos? — mais precisamente aqueles que dizem respeito à adoração? São menos que os restantes, realmente, mas quando atentamos bem para eles, podemos ver que Ele é o mesmo que tirou o «Seu povo» do Egipto e que declara que não devemos prostrar-nos diante de imagens, que não devemos pronunciar o Seu nome em vão (nem portanto dar aso a que essa evocação possa trazer vitupério à Sua casa) e que nos devemos lembrar do «Sábado, para o santificar... porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto, abençoou o Senhor o dia de sábado e o santificou» (Êxo. 20:8-11). Isto pode não parecer nada importante à maioria, mas a razão de se santificar este dia é bem explícita: o Senhor o abençoou e santificou! Sem comentário. Quem sou eu para os fazer quando entra a falar ou a escrever Deus com o Seu próprio dedo de fogo?

Que importância tem um dia entre outros dias, perguntarão. Que importância tem um fruto entre tantos outros mais, perguntarão também. Agora creio que posso responder, como qualquer outro ser humano: *A mesma importância*. Nada mais. A mesma! Mas há um pormenor importante a salientar: o fruto era já proibido; o dia era *santificado*. E isto quer dizer qualquer coisa! Era não só desobediência, mas ainda menosprezo!

Eis pois os mandamentos da



Baptismo da ir.ª Margarida Aragão

Lei de Deus referentes à adoração, que Salomão considera «a obrigação de todo o homem» (Ecles. 12:13). Os restantes, que dizem respeito ao amor ao próximo, começam pelo honrar pai e mãe, «o primeiro mandamento com promessa».

Que mais poderia eu senão dar graças a Deus por esta luz que vem confirmar a fé da minha infância baptizando-me na Sua Igreja, aonde cheguei «çada» por mãos amorosas de irmãos de fé que me encontraram no fundo de um poço, qual Jeremias nas suas lamentações — perdão! nas minhas lamentações — e pelo Espírito de Deus, que

sinto que ainda não me abandonou e espero que nunca me abandone até ao meu último suspiro de vida, para poder continuar a servi-Lo tão honestamente como até aqui, mas um pouco melhor em sabedoria.

Que Jesus Cristo possa permitir que eu esteja com Ele entre os mártires da glória, aqueles de quem João diz em Apocalipse 14:12: «Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus.» Esta é a minha súplice oração. Poder obtê-lo, o meu voto.

Margarida Aragão



Nota da redacção

Razões exclusivamente relacionadas com a programação da *Revista Adventista* impediram a publicação oportuna deste testemunho.

Todavia, embora um pouco mais tarde, temos o prazer de o incluir nas páginas da RA, com votos sinceros de que o Senhor abençoe a sua autora, ir.^a Margarida Aragão, da igreja de Queluz.

Centro Médico Social da União Portuguesa

Desde há algum tempo que se encontra a funcionar o Centro Médico Social da União Portuguesa, resolveu criar, de uma estrutura nascente que procura servir uma vasta população onde se insere.

Desde sempre, tem sido objectivo da Obra Médica ser a forma de levar por diante o Evangelho. Em Casal de Cambra, onde está o Centro, vivem muitos milhares de pessoas que, além de muitas outras carências, também precisam de conhecer Jesus. Com a valiosa colaboração da nossa enfermeira, irmã Maria Fernanda Sousa Lemos, procura-se transformar qualquer simples acto médico numa oportunidade de se dar a conhecer a igreja Adventista, a sua doutrina de saúde e o Evangelho de Jesus. Muitos têm sido os contactos que se vão realizando diariamente e que vão permitindo que saibam que a Igreja tem aspectos positivos que eram até aí do seu desconhecimento e que é servida por pessoas que não esquecem o «bom samaritano».

Os testemunhos que têm sido colhidos vão-nos mostrando como um atendimento personalizado e cristão é apreciado por aqueles que ali vão buscar apoio. Neste momento, além de todo o trabalho de enfermagem, quer de rotina quer de urgência, o Centro procura oferecer consultas médicas, por enquanto da inteira responsabilidade do departamento da União.

Encontra-se o nosso Centro aberto a todos os que dele necessitam, sem qualquer limitação. Ainda que podendo esperar uma pequena contribuição por todos os serviços prestados (inferior aos que vulgarmente se pratica em instituições privadas) toda e qualquer pessoa que não possa fazer é atendida com igual dedicação e interesse. Desta forma é fácil compreender que este Centro é, além de médico, verdadeiramente social, o que certamente não lhe permitirá tornar-se numa estrutura de lucro económico. Mas há um lucro, o mais importante de todos, que perseguimos sem desfalecer: almas para

Cristo, que justifiquem a abertura de uma futura igreja naquela zona.

Além da sala de espera para o público, o Centro tem dois gabinetes de consulta, um deles preparado para assistência ginecológica, um gabinete de preparação e ensino, onde a senhora enfermeira recebe e prepara os doentes para as consultas quer de saúde infantil, quer de medicina geral. Além das instalações sanitárias indispensáveis, há ainda outra dependência onde está o material de apoio, a nossa pequena colecção de amostras clí-

nicas, os aparelhos de esterilização, etc.

O desafio que assumiu a União Portuguesa ao abrir este Centro é enorme. Estamos convictos de que, com o interesse e as orações de cada membro da igreja em Portugal com a graça de Deus, poderemos todos fazer com que aquilo que agora começa, frutifique numa grande Obra neste mundo mas que, fundamentalmente, o seja para a Eternidade. — Daniel A. Esteves, director do Centro Médico-Social Adventista e Departamental de Saúde e Temperança.

Dr. E. Adams visita a Portugal

Esteve de visita ao nosso país, nos dias 8 a 13 de Abril, o Dr. Elvira Adams, do Departamento de Saúde e Temperança da Conferência Geral.

De acordo com o programa então estabelecido, fez a apresentação de vários temas na

igreja de Alvalade, no dia 9 e no dia 12, e no colégio de Oliveira do Douro no dia 10. Foram convidados para estas reuniões os pastores e responsáveis de igreja das respectivas áreas, bem como os irmãos das mesmas, quer fossem ou não profissio-

nais de saúde, e que estivessem interessados. Certamente que todos quantos assistiram não deram o seu tempo por mal empregue, pois além das exposições feitas, tiveram a possibilidade de obter respostas pessoais

a algumas das suas questões.

Com contactos deste tipo, certamente que a luz do Evangelho da saúde brilhará mais e mais nas nossas igrejas. Rogamos a Deus que assim seja — *D.E.*

O Novo Plano Para Deixar de Fumar

Teve lugar em St. Stephan, na Suíça, uma reunião de trabalho sobre o Novo Plano Para Deixar de Fumar.

Como é sabido, tornava-se necessário fazer uma remodelação do Plano de 5 Dias, para pôr em prática tudo quanto a experiência foi mostrando ao longo destes quase 30 anos em que vem sendo apresentado. Estiveram presentes neste encontro, representantes da Conferência Geral, Dr. Elvin Adams, da divisão, Dr. H. Stoeger, e de vários campos de expressão latina na Europa bem como da Jugoslávia.

Através de um programa intenso, procurou fazer-se o ponto da situação da Europa do Sul no que diz respeito à luta anti-tabágica, com a caracterização de cada país no que se refere à sua legislação, sensibilidade da população, percentagens de fumadores, etc. Em geral e em grupos específicos. Neste contexto deve inserir-se o novo Plano proposto pela Conferência Geral.

Este novo Plano aproveita o esquema antigo e coloca-lhe 2 sessões prévias de informação. Depois finaliza com uma sessão de reforço, que será a primeira do acampamento que se deseja. Desta forma, passa a 8 sessões, tornando-se necessário alguns ajustes, mesmo na sequência das 5 sessões de base.

Santarém: Semana do Lar

De 20 a 27 de Fevereiro realizou-se na igreja de Santarém a Semana do Lar. Vários temas de interesse geral foram abordados, a que assistiram cerca de 80% a 90% dos membros que habitam em Santarém. O pastor local foi o orador e coordenador desses debates.

Foi considerado de utilidade que se procurasse adaptar esta nova metodologia à mentalidade latina da Europa do Sul. Para isso, e após recolha de sugestões feitas por vários grupos de trabalho, nomeou-se um elemento, J. Ribot, para fazer uma compilação prévia de tudo. No começo do próximo ano, o anteprojecto elaborado será novamente discutido para se passar à fase final definitiva.

Além deste trabalho, cujos resultados serão visíveis em 1989, tomámos conhecimento das perspectivas evangélicas do trabalho de saúde a levar a cabo pelas nossas igrejas. Foram ideias novas que certamente irão frutificar no futuro.

Agradecemos à divisão Euro-Africana ter proporcionado a possibilidade de realização deste encontro, levado a efeito nas instalações da Juventude Adventista na Suíça Alemã, enquadradas numa paisagem paradisíaca e que nos fazia sentir mais próximo do céu. Aos representantes da União Portuguesa, que nos acompanharam, pastores, Eduardo Graça e Joaquim Casaquinha e ao Dr. David Esteves, os nossos agradecimentos pelo bom espírito de colaboração sempre manifestado, que fez com que a delegação portuguesa tenha contribuído numa forma muito positiva para o nível alcançado neste encontro. — *D. E.*

veis, mas que uma vez conhecidos, poderão ser ultrapassados graças à preparação dos esposos, o que certamente contribuirá para a felicidade do lar.

Durante toda a semana outros temas foram apresentados. Entre eles, «Esposos para sempre». Deveres tais como: «o dever de se amarem, de se conquistarem e de se comprazerem», foram realçados. Outro tema que se estudou foi «Religião e Família», ou seja, o valor da prática da religião no Lar, a fim de o fortalecer. Lares fortes, igreja forte, foi a ênfase deste estudo. «Qualidades morais e religiosas dos esposos» proporcionou um estudo da moral entre os esposos, aliada à religião. Salientou-se ainda o «milagre» de duas pessoas de caracteres completamente diferentes viverem juntos e serem felizes. «Pais de Família» salientou o querer de Deus de que se construam famílias cristãs, e constituiu interessante debate em que pontos como a regularização da natalidade foram alvo de atenção.

No culto de Sábado, o tema abordado foi o que o Serviço Lar e Família propunha, isto é, «Como alimentar uma relação

familiar». À tarde e sob o signo do lar, foi focada «A cortesia no Lar», salientando-se o respeito mútuo, a igualdade de deveres.

Foi animador vermos a participação dos presentes, que expunham os seus pontos de vista, os seus problemas, as suas dúvidas e as suas experiências, assim como sugestões, o que muito enriqueceu a todos quantos assistiram.

Dia do Pai

O dia 19 de Março, dia do Pai, foi também lembrado na igreja de Santarém, que assim desejou prestar uma pequena homenagem a todos os pais, confirmando o seu carinho, dedicação e atenção.

Houve poesias, cânticos, música e prosas dedicadas aos pais, quer na Escola Sabatina quer no culto. Numa homenagem escrita, a certa altura, a articulista disse: «Há sempre, no coração de cada pai, um cantinho muito especial para cada filho.»

À saída foi-lhes entregue, pela Escola Sabatina, um marca-páginas alusivo ao dia. — *Armando de Sousa*, Secretário de Relações Públicas.

Igreja de Faro: retiro espiritual

Promovido pelo Departamento de Jovens da igreja de Faro, teve início no dia 19 de Fevereiro, prolongando-se até 21, um retiro espiritual que integrou um justificado número de irmãos.

A iniciativa, acolhida por todos com simpatia e entusiasmo foi incluída num conjunto de audaciosos objectivos lançados pelo director daquele Departamento Jovem, irmão Emanuel Sacramento, que para o fim específico deste retiro preparou uma diversificada agenda de trabalhos sob o título: «Santificação e reclamos de Cristo à igreja hodierna.»

O Pastor Jorge Machado privilegiou-nos com a sua companhia e por seu intermédio foi pedida a bênção e condução divina para a caravana de participantes, a qual deixou a capital algarvia em direcção à bonita localidade alentejana de Almocrave, onde o evento teria lugar.

À chegada aguardava-nos a Sra. D. Maria Gingeira, que tão

gentilmente nos cedeu todo o complexo habitacional onde nos instalámos, sem o que não teria sido possível a concretização do propósito que nos animava. Cabe aqui manifestar-lhe a nossa profunda gratidão pelo testemunho de abnegado cuidado e pela pronta disponibilidade manifestada em nos proporcionar todo o conforto que ali desfrutámos. Bem-haja! Que Deus a abençoe grandemente!

Cada madrugada em Almocrave foi uma experiência insólita para muitos. O suave trinado das aves, irrompido de quando em quando pelo cantar do galo, falava-nos do cuidado amorável do nosso Criador e trouxeram mensagens de uma natureza que as exigências do mundo de hoje quase apagara. Confortados pelos momentos de meditação matinal, subordinados ao tema genérico do nosso encontro, eram a seguir definidos os objectivos para o dia, cujos conteúdos se iam revelando por etapas até à



Grupo de participantes no Retiro Espiritual

globalização do projecto quotidiano.

«Mais perto do Criador pela natureza» foi o nome que demos aos momentos de oração no seio de uma paisagem de rara beleza. Ajoelhados em grupos de dois, por entre a vegetação de pinheiros e eucaliptos, ou simplesmente sobre a relva, encontrámos Jesus «de muitas maneiras», conforme seria testemunhado oportunamente por cada um.

Decorrente das actividades do dia do Senhor, tivemos a Escola Sabatina a que acudiram visitas e convidados, partilhando connosco a alegria de escutar o recado de Deus, sob o título, «Lei e Amor no Sinai». Alguns aceitariam depois o convite para tomarem uma refeição no meio adventista, a que se seguiu uma saída missionária acompanhada de distribuição de literatura.

Sempre que um contacto mais pessoal se proporcionou, falámos do Bom Mestre e da razão da nossa presença naquele lugar, que nos recebeu com cordialidade.

Momentos de grande enriquecimento espiritual foram-nos proporcionados quando reflectimos em torno do livro «Santificação», cuja leitura, previamente recomendada, ocasionou a intervenção pontual dos participantes que, recriando o tema, exibiram pontos de vista de no-

tável valor pedagógico-religioso, conseguindo-se assim o objectivo pretendido.

Louvámos ao Senhor entoando belos hinos especialmente escolhidos em função das circunstâncias e com eles dávamos início ou concluíamos cada capítulo do nosso encontro. A proposta diária terminaria com um convívio, onde a alegria e o companheirismo cristão foram a tônica das actividades lúdicas que incluíram jogos bíblicos, concursos e prémios para todos.

Porque cada encontro tem os seus momentos altos, guardámo-los intencionalmente para o fim aquele que, sendo o mais emotivo, encerrou também o esquema de trabalhos, proporcionados por este retiro. Referim-nos à hora do «Balanço».

Confrontados com questões que permitiram aos intervenientes testemunhar individualmente os resultados da experiência inesquecível ali vivida, foi por entre lágrimas e vozes trémulas de comoção que se pronunciaram os mais belos depoimentos, de coração humanos inspirados pela comunhão com Jesus.

Acalentando a secreta esperança de poder repetir a edificante experiência, despedim-nos de Almocrave, encorajados e fortificados por esta graça que o Senhor tão bondosamente nos concedeu. — José Filipe Madeira.

EM JULHO

*Não deixe de ler o importante documento:
AS DINÂMICAS DA SALVAÇÃO*

Semana de Oração em Avintes e Canelas

De 12 a 19 de Março, os jovens de Avintes e Canelas viveram momentos altos de espiritualidade e reconsecração a Deus.

O toque do relógio da Vila de Avintes, às 7 horas de cada manhã, marcava o início do período de reflexão e oração.

A expectativa sempre crescente do anunciado fecho desta Semana em Canelas foi confirmada pelo programa do dia de Sábado, com uma investidura de Companheiros, seguida do bap-

tismo de dois Desbravadores e dois Companheiros, finalizando com uma cerimónia especial de Santa Ceia, exclusiva para os jovens.

O exemplo destes jovens influenciou outros, não-adventistas, ao estudo da Bíblia e consequente preparação para o baptismo.

Louvamos a Deus porque os jovens ainda se deixam tocar e guiar pelo Espírito Santo. — Ezequiel Quintino, Pastor.



Após o baptismo em Canelas: O José Luís, o Leandro, o Gaspar e o Joel acompanhados do ancião, irmão José Ferreira e do pastor Ezequiel Quintino

Palestras sobre Saúde

«Torna-nos ousados o nosso Deus, para falar o Evangelho com grande combate» (I Tes. 2:2 u.p.).

Encontrámos força nas palavras de Paulo e resolvemos fazer algo nas aldeias ao redor de Macedo de Cavaleiros.

Assim, de 13 a 19 de Março, e em colaboração com a conselheira de Macedo de Cavaleiros, da Educação de Adultos, fomos de aldeia em aldeia das 21h às 22, 30, fazendo uma apresentação sobre um viver mais saudável, e usando audiovisuais falámos sobre o alcoolismo, o tabagismo e os seus malefícios e sobre o valor de uma alimentação saudável, mostrando, no final, que

com a ajuda de Deus seríamos vencedores em buscarmos o caminho da vida.

No fim respondíamos a algumas perguntas formuladas pelos presentes.

Apesar de conhecermos as nossas limitações neste campo, algo ficou na mente e no coração dos que estiveram connosco. Por duas vezes o seu número passou da centena.

O responsável da educação de adultos acompanhou-nos um dia, e no fim as suas palavras foram encorajadoras: «Está muito bom o vosso trabalho, porque foca o aspecto físico, psíquico e espiritual.»

A Câmara de Macedo colo-

cou à nossa disposição uma carinha para nos deslocarmos às aldeias mais distantes.

Tivemos o auxílio de dois jovens, o Ramiro, colportor em Lamego, e o Jorge, Desbravador do Clube de Macedo. Bem hajam! No fim das reuniões es-

tes jovens distribuíram folhetos e revistas, pelos presentes.

«No demais, Irmãos, rogai por nós, para que a Palavra do Senhor tenha livre curso e seja glorificada, como também o é entre vós» (II Tes. 3:1) — José Vale Dias, Colportor-evangelista.

Aguardando a Ressurreição

A igreja de Queluz entregou ao seu momentâneo descanso dois dos seus mais antigos membros: a Irmã Alice Baptista Silva e o Irmão Rodrigo de Carvalho Borges. Ambos nos deixaram saudade acompanhada do seu exemplo de fé e confiança n'Aquele que É a Ressurreição e a Vida.

Rodrigo de Carvalho Borges

O Irmão Rodrigo, após longo e doloroso sofrimento, suportado com grande resignação e paciência, sentindo que os últimos instantes da sua vida se escoavam, manifestava em aflitivos gemidos, porque falar já não podia, a sua ansiedade de escutar, uma vez mais, o Salmo 23, o do «Pastor», que em múltiplas horas de angústia lhe tinha oferecido tanto conforto.

Com esta leitura feita pela sua Esposa e uma derradeira oração vieram, ao ir. Rodrigo, a calma e a paz de quem, na verdade, adormecia no Senhor. E assim, no Senhor adormeceu.

A sua esposa e sogra, nossas irmãs Manuela e Maria José, ao seu Filho João Paulo, dedicado colaborador nas actividades dos Desbravadores desta igreja, apresentamos os nossos sentimentos de pesar, não esquecendo também de repetir que «bem-aventurados são os que desde agora dormem no Senhor seguidos pelas suas obras».

Alice Baptista Silva

A nossa querida Irmã Alice, elemento precioso duma família quase toda adventista, legou-nos como herança o seu nobre exemplo de cristã.

Saliente aqui um pormenor que bom seria se todos imitasse-mos.

Sem saber ler, esta irmã era, no entanto, uma aluna fiel e de-

dicada da Escola Sabatina. Ajudada pelos seus familiares ou, na ausência destes, por uma vizinha, não consentia que o dia findasse sem ter escutado a sua lição. Sempre a tempo na sua classe para colaborar no estudo e para não permitir que, por sua causa, os objectivos da Escola do Sábado fossem impedidos de perfeita realização.

Poucos dias antes da sua morte, ainda pudemos vê-la na igreja, apoiada na sua bengalhinha, caminhando com dificuldade, mas oferecendo-nos o seu habitual sorriso, o sorriso da sua resignação e confiança, com o qual parecia querer ocultar as suas dores.

Naquela noite deitou-se para dormir e adormeceu para acordar à voz do seu Senhor no grande Dia Final.

Aos seus filhos, Emídio e Ana, ao genro Pr. Joaquim Sabino, aos sobrinhos Ivone e Luís Alho, Lídia e Pr. António Maurício, aos seus netinhos e demais família, cujos nomes nos seria longo mencionar, toda a igreja de Queluz abraça com muita amizade e a todos se junta para uma palavra de despedida: Até logo, querida Alice! — Maria Augusta Pires, Assistente Pastoral.

Pedrina de Sousa

Participamos, por este meio, que no passado mês de Dezembro faleceu a nossa querida irmã Pedrina de Sousa. Acometida de doença súbita, pouco depois de ter tomado a sua decisão para o baptismo, esta ir.^a sentiu-se muito triste por não poder realizar aquele acto público, visto ter ficado impossibilitada. Perante o seu desejo de querer entregar-se ao seu Salvador antes de falecer, ela foi aceite por voto unânime de toda a igreja, que a co-nhecia e estimava, assim como

ao seu marido, o irmão Mário de Sousa. Ficam, também desejosas de fazer aquele pacto salvador com Cristo, as suas duas filhas. Que o Senhor seja benigno para com esta família enlutada e Se digne aceitar-nos a todos um dia na Pátria Celestial. — J. Cardoso, Pastor.

Ramiro Navalho

«Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão». Nesta certeza inquestionável da nossa fé de peregrinos, o nosso prezado irmão Ramiro Navalho descansou e adormeceu na bem-

-aventurança dos que morrem no Senhor. Estando internado no Hospital de Évora e um tanto «imprevisto» ao findar do Sábado, o primeiro de 1988, e com a idade de 81 anos, Deus, na Sua infinita misericórdia, achou que o nosso irmão deveria repousar.

Aos seus queridos familiares, cristãos adventistas e aos demais, as nossas sentidas condolências e, ao mesmo tempo, desejamos que todos possamos rever o nosso querido e saudosos irmão naquele dia de «glória e júbilo eternos» para com todos os que amaram e seguiram Jesus. — José Luís A. Esteves.

O CAMPO É O MUNDO — NOTÍCIAS

URSS: Feira do Livro em Moscovo

A Igreja Adventista do Sétimo Dia esteve representada na Feira Internacional do livro, que se realizou em Moscovo de 8 a 14 de Setembro de 1987. Harold Otis, director da casa publicadora adventista Review and Herald, e sua mulher, Rosa Otis, relações públicas da mesma editora, dirigiram o stand das publicações protestantes, no qual expuseram 16 editoras.

Foi permitido a cada editora apresentar 10 títulos. Os da editora adventista foram os seguintes: *Advent Hope* [Esperança Adventista] os 5 volumes da série *O Grande Conflito* [*Patriarcas e Profetas, Profetas e Reis, O Desejado de Todas as Nações, Actos dos Apóstolos e Grande Conflito*], em inglês, *The Sabbath in Scripture and History* [O Sábado na Escritura e na História], os 10 volumes de *Histórias da Bíblia* e dois sobre o casamento: *To have and to hold* e *We've Only just begun* [*Ter e manter, Nós apenas começámos*].

Os irs. Otis levaram também consigo 200 exemplares da revista especial sobre os Adventistas na União Soviética — isto além dos 32 000 exemplares já enviados por membros adventistas e dos 3 000 oferecidos ao Conselho para os Assuntos Religiosos.

Só há três ou quatro anos foi

permitido apresentar livros religiosos na Feira. Há dois anos só os Baptistas expuseram, porque são religião oficial na URSS e a sua exposição deste ano foi feita sob os auspícios do Conselho da Escola Dominical.

No final da feira, os Adventistas conseguiram autorização dos organizadores e das diferentes editoras protestantes para que os mais de 400 livros expostos no stand fossem oferecidos gratuitamente à Biblioteca do Seminário Adventista de Zaoksk (Moscovo). Obtiveram também permissão para enviar mais alguns exemplares do *SDA Bible Commentary* [Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia] para os pastores da URSS a partir de Janeiro deste ano.

Por ocasião desta visita à União Soviética, os Otis fizeram entrega de uma fotocopiadora ao Seminário de Zaoksk, oferta da Review and Herald. Por outro lado, aproveitaram para alguns contactos com o presidente dos Assuntos Religiosos do Governo, Kostantin Kherchev, dos quais resultou a autorização para imprimir diversas publicações adventistas e o Governo convidou mesmo a Igreja a instalar novas editoras.

Como acontecimento final, assinala-se ainda a entrevista feita ao Ir. Otis por um progra-

ma da televisão, de 15 minutos de duração, em Novosibirsk, Sibéria. Posteriormente, essa entrevista foi passada num programa nacional, a partir de Moscovo. O nosso irmão foi também entrevistado por diversos jornais e alguns irmãos nossos assinalaram que era a primeira vez que certos meios de comunicação falavam dos Adventistas.

Moçambique: Conferência Pública em Nicoadala

Ao falarmos do desenvolvimento da obra na região Norte de Moçambique [Associação Norte], queremos dizer que o Senhor tem operado milagrosamente em nosso favor. Embora com tantas dificuldades que ainda estamos atravessando, Deus tem protegido o Seu povo.

De 18 a 20 de Setembro do ano passado, realizou-se uma conferência pública em Nicoadala. O tema era: Lançai a Rede. Assistiram 267 pessoas, entre as quais o Sr. Administrador do Distrito, Director da Economia e de Apoio do Controlo. O Sr. Administrador contribuiu grandemente para a realização desta conferência. Como não havia lugar próximo para a realização de batismos, ele, devido à situação da zona, prontificou-se a pedir militares para irem guarnecer o local dos batismos. E assim aconteceu. No fim do culto, dirigido pelo signatário, fez-se um apelo, ao qual responderam 25 almas, manifestando o desejo de se prepararem para o baptismo. Depois fez-se o exame público dos candidatos e dirigimo-nos, marchando e cantando, para o baptismo. À frente iam duas motorizadas, no meio a multidão, atrás o carro da Associação e mais atrás o carro do Administrador com os seus acompanhantes.

Ao chegarmos ao rio, vimos que tinha militares à volta. E ficámos muito impressionados. O Pastor apresentou um pequeno sermão sobre o significado do baptismo. Vimos que todos estavam desejosos de ver como os Adventistas se baptizam. Naquele dia 18 almas desceram às águas e foram baptizadas.

Depois voltámos ao local das

reuniões, juntamente com todos os visitantes, para assistir ao final do programa.

A semente foi lançada. Esperamos que o Senhor a irá regar para a germinação. Sei que

Cristo tem um povo na Terra, o qual constitui a Sua igreja, e que por fim será salvo. Apesar de todos os contratempos que se erguem no caminho da igreja, ela por fim será vitoriosa, pois

bem disse Cristo que «as portas do inferno não prevalecerão contra ela» (Mat. 16:18). — *Zeca Tembo C. Xavier*, Secretário da Associação Norte de Moçambique.

URSS: Aumenta o número de Igrejas Adventistas

De acordo com uma estatística publicada no primeiro número deste ano da revista *La Documentation Catholique*, os Adventistas são a única denominação que conseguiu aumentar o número das suas igrejas na União Soviética no decurso dos últimos vinte anos. Eis um extracto, traduzido, da referida estatística e seus comentários:

Estatísticas religiosas na URSS

Por ocasião de uma entrevista sobre a actual situação religiosa na URSS, concedida pelo Sr. *Kharchev*, presidente do Conselho para o Assuntos Religiosos junto do Conselho de ministros da URSS, foram fornecidas as estatísticas, a seguir discriminadas, sobre o número de associações religiosas oficialmente re-

conhecidas e sobre a prática religiosa das diferentes confissões, incluindo o Judaísmo e o Islão. Estas estatísticas reflectem os «dados oficiais» e não tomam em consideração nem os números das igrejas clandestinas [Igreja Católica Ucraniana] nem o fenómeno das confrarias muçulmanas nas Repúblicas da Ásia Central(*)

Nome das Associações religiosas

Confissões	1966	1971	1976	1981	1986
Igreja ortodoxa russa.....	7523	7274	7038	7007	6794
Igreja católica(*)	1116	1087	1070	1102	1099
Islão	1820	1087	1069	954	751
Judaísmo	238	220	181	130	109
Cristãos evangélicos baptistas	3054	2964	2981	3078	2976
Pentecostais	904	965	775	863	843
Adventistas do Sétimo Dia	372	350	381	434	445
Testemunhas de Jeová.....	468	480	411	411	378
Total na URSS, incluindo outras confissões	17507	16323	15687	15713	15036

(*) Para a Igreja ortodoxa russa e Igreja católica, estes números correspondem às paróquias.

Prática religiosa (Segundo dados das organizações religiosas)

Natureza do rito	1966	1971	1976	1981	1986
Batismos	1017228	965188	808478	830596	774747
Batismos de crianças em idade escolar	10261	29335	25682	40253	40469
Batismos de adultos	—	21680	26818	45178	51864
Confirmações	—	23049	24383	27333	25145
Casamentos	60516	79356	74988	106259	79840
Funerais	848805	990618	1096190	1125058	1179051

(*) Texto russo publicado em *Naouka i Religia* de Novembro de 1987. Tradução (para o francês) e título da *Documentation Catholique*.

O Sr. *Kharchev* comentou assim as estatísticas: «O Conselho (para os Assuntos Religiosos) procedeu a uma análise aprofundada dos dados de que dispomos desde os últimos 25 anos. Eis o quadro tal como se nos apresenta. O número das associações religiosas baixou perto de 34%. No país existem ainda mais de 15 000. O número de batismos diminuiu também um pouco no conjunto do país. Todavia, nas Repúblicas da Moldávia, do Tajiquistão e da Estónia, a prática religiosa está a aumentar. Trata-se, sobretudo, de ritos religiosos

fúnebres. Nas Repúblicas da Ásia Central, no Azerbaijão e no Cáucaso Norte, quase todos os defuntos de nacionais são sepultados segundo o seu rito religioso. Como vêem, a Igreja dispõe de largas possibilidades para satisfazer as necessidades religiosas dos crentes; ela possui vasta base material e conta nas suas fileiras com 25 000 ministros de culto. Os recursos financeiros duplicaram no espaço de 20 anos e atingiram a cifra de 260 milhões de rublos. Mais de 700 edifícios de culto foram construídos ou reconstruídos. Os estabelecimentos escolares eclesásticos do país permitem renovar os quadros da Igreja. Nos anos 60, a idade média do clero era de 70 anos; hoje situa-se entre os 40 e os 60 anos. O nível

profissional elevou-se: mais de 80% dos bispos possui hoje formação teológica superior.»

Keston News Service (Inglaterra), especializado em notícias religiosas da URSS, faz o seguinte comentário: «Deve dizer-se que estas estatísticas suscitam quase tantas perguntas como respostas que não dão. Porque é que certos números correspondem a estimativas conhecidas ou prováveis, e outras não? Porquê grupos não registados, como as Testemunhas de Jeová, estão incluídos, enquanto os católicos ucranianos são excluídos?» (*Keston News Service*, 3 de Dezembro de 1987.)